AFFONSO DE E. TAUNAY

ZOOLOGIA FANTASTICA DO BRASIL

AFFONSO DE E. TAUNAY

DA ACADEMIA BRASILEIRA

Zoologia Fantastica do Brasil

(SECULOS XVI e XVII)

EDITORA-PROPRIETARIA
COMPANHIA MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO
(Weiszflog Irmãos incorporada)
S. PAULO CAYEIRAS RIO

VOLUMES PUBLICADOS PELO AUTOR

FICÇÃO

Leonor de Avila, romance brasileiro seiscentista.

HISTORIA DO BRASIL

Grandes vultos da independencia brasileira
Na Bahia colonial
Na Bahia de Dom João VI
Rio de Janeiro de antanho
Sob El Rey Nosso Senhor
No Brasil imperial
A' gloria dos Andradas
Viagens e viajantes
Do Reino ao Imperio
Santa Catharina nos annos primevos
A grande vida de Fernão Dias Paes
Visitantes do Brasil colonial.

HISTORIA DE S. PAULO

Na era das bandeiras
A' gloria das monções
Historia Geral das Bandeiras Paulistas — Tomos de I a VI
Indios! Ouro! Pedras!
Um grande bandeirante: Bartholomeu Paes de Abreu
Collectanea de documentos da antiga cartographia paulista
Ensaio de carta geral das bandeiras paulistas
Estudos de Historia paulista
Antigos aspectos paulistas
Terra bandeirante.

HISTORIA DA CIDADE DE S. PAULO

S. Paulo nos primeiros annos
S. Paulo no seculo XVI
Piratininga
Non ducor duco
Historia seiscentista da villa de São Paulo — Tomos de I a IV
Historia antiga da Abbadia de S. Paulo — 1598-1772
Historia da villa de S. Paulo no seculo XVIII
Historia da cidade de S. Paulo — Tomos I e II.

HISTORIA DA LITERATURA E DA ARTE DO BRASIL

A missão artistica de 1816
Nicolau A. Taunay. Documentos sobre sua vida e sua obra

Pedro Taques e seu tempo
Escriptores coloniaes.

LINGUISTICA

Lexico de termos technicos e scientificos
Lexico de Lacunas
Vocabulario de omissões
Collectanea de falhas
Reparos ao Diccionario de Candido de Figueiredo
A terminologia scientifica e os grandes diccionarios portuguezes.
Insufficiencia e deficiencia dos grandes diccionarios portuguezes.
Inopia scientifica e vocabular dos grandes diccionarios portuguezes.

ASSUMPTOS SCIENTIFICOS

Ensaio de bibliographia referente ao Brasil e ás sciencias naturaes (em collaboração). I parte: Literatura brasileira
Ensaio de Bibliographia (2.ª parte: literatura estrangeira).

TRADUCÇÕES

A Retirada da Laguna
A segunda viagem de Saint Hilaire a S. Paulo.

NO PRELO

A vida gloriosa e tragica de Bartholomeu de Gusmão
Da Brasiliae rebus pluribus
Em Santa Catharina colonial.

EM PREPARAÇÃO

Historia Geral das Bandeiras paulistas — tomo VII
Historia da cidade de S. Paulo — III tomo
Guanabara
A prioridade aerostatica inconcussa de Bartholomeu de Gusmão.
Zoologia imaginosa do Brasil

EDIÇÕES COMMENTADAS

Pedro Taques — Nobiliarchia paulistana
Historia da capitania de S. Vicente
Informações sobre as minas de S. Paulo
Frei Gaspar da Madre de Deus — Memorias
Antonil — Cultura e opulencia do Brasil
Bartholomeu de Gusmão — Obras diversas.

Á ALTA E CLARA INTELLIGENCIA

DE

EDGARD ROQUETTE PINTO

PREFACIO

A leitura de interessante e erudito estudo do distincto naturalista argentino Dr. Anibal Cardoso: *La ornitologia fantastica de los conquistadores* suggeriu-me a ideia de escrever as paginas que neste volume se encerram.

Alarguei porém o quadro do Dr. Cardoso que se restringiu á avifauna americana primeva, procurando na obra dos primeiros visitantes e chronistas do Brasil o que havia de mais pittoresco em materia de extravagancias inculcadas a seus leitores.

Assim percorri uma serie de autores, dos mais conhecidos e prestigiosos. E como resumisse as minhas pesquisas ao seculo XVI limitei-me a examinar, sobretudo, as obras de Gandavo, Fernão Cardim, Anchieta, Gabriel Soares, Hans Staden, Ulrico Schmidel, Cabeza de Vaca, João de Lery, Thevet, etc., os informes oriundos dos mappas quinhentistas das relações devidas a Pero Vaz de Caminha, Americo Vespucio, Pigafetta, o anonymo da Gazeta do Brasil, etc.

Dos valiosos artigos do Dr. Cardoso em *El hornero* tambem obtive boa contribuição que não procede aliás apenas do seculo XVI.

Entendi que seria interessante para o leitor uma exposição das crendices zoologicas européas contemporaneas do inicio das grandes navegações e da descoberta do Novo Mundo. E assim valendo-me sobretudo das obras de dous eruditos da maior valia como F. Denis e Ch. Langlois procurei apontar uma serie de casos que me pareceram inteiramente *ad rem.* Ha por

certo muito o que accrescentar ao meu desvalioso tentamen, primeiro desse genero realisado no Brasil.

Se me couber poder reedital-o muita cousa nova me suggerirá certamente a gentileza dos leitores amantes dos assumptos nacionaes, para o accrescimo desse campo curioso da *zoologia fantastica do Brasil.* Publicados estes estudos no *Jornal do Commercio,* agora ampliados e remodelados, entrego-os á Companhia Melhoramentos de São Paulo para a serie de sua collecção benemerita de obras sobre o velho Brasil, esperando que não desmereça de mais de suas antecessoras.

São Paulo 6 de julho de 1934.

AFFONSO DE E. TAUNAY

ZOOLOGIA FANTASTICA DO BRASIL

I

As abusões zoologicas millenarias. Os patriarchas da zoologia Aristoteles e Plinio. Elliano e Cosmas. Santo Isidoro de Sevilha. A Escola Palatina. O anno mil. Abusões sobre abusões. Os Bestiarios medievaes. Alberto Magno. Brunetto Latini e o seu tratado.

Poucas serão as vozes que, ao definirem um estado de alma collectivo, tamanha intensidade alcancem quanto os versos famosos de José Maria de Heredia a pintar-nos o que ia no animo dos conquistadores da America quinhentista ao largarem as costas de sua peninsula cispyrenaica.

Ebria de um sonho heroico e brutal partia, de seu monturo de podridões, a revoada dos gerifaltes iberos, cansados da miseria arrogante que os devorava, a elles, filhos não morgados de casas fidalgas e empobrecidas, soldados de profissão e de fortuna, aventureiros de toda a especie, gente sem nenhuma eira nem nenhuma beira.

E de Palos e de Moguer, de San Lucar e de Cadiz, de Lisboa e de Portimão, de Vianna do Castello e de São João da Foz lá se iam tendo como motte individual aquellas palavras — divisa soberba de um dos de sua grey e synthese da brutalidade e do he-

roismo, ainda mais forte talvez do que os admiraveis alexandrinos heredianos:

> A la espada y el compas
> Mas y mas y mas y más!

Como codigo de conducta era-lhes um lemma sufficiente: *Infra equinoxiale nil peccatur.*

Para que maior promessa a um bando de rapineiros?

E assim inclinados á borda das caravellas brancas

> Chaque soir espérant des lendemains épiques
> L'azur phosphorescent de la mer des tropiques
> Enchantait leur sommeil d'un mirage doré,

a esses estradeiros e capitães, allucinados pelo fabuloso metal que nas entranhas do Novo Mundo amadurecia, como nas minas longinquas de Zipango.

Estes amanhãs epicos não eram só os que proviriam do encontro com os homens de estranho feitio e estranhissima raça e sim tambem com os mil e um monstros refugiados na profundeza da selva americana.

Qual seria esta zoologia, a que pertenciam taes seres teratologicos?

Da profundeza dos millenarios ancestraes da humanidade das cavernas persistia presa á alma das gerações, a noção da existencia de seres monstruosos, reflexos do subconsciente atavico, contemporaneo dos annos em que o homem, a todo o instante, precisava defender a precaria vida daquellas feras enormes, hoje extinctas, como o leão *machairodus* ou o urso speleus. E formas zoologicas vulgares das eras em que o debil animal vertical assistia, assombrado, a passagem dos rebanhos dos mammuths immensos e dos aurochs colossaes.

Dahi a tendencia a sempre imaginar as terras desconhecidas povoadas pelas bestas gigantescas, em forças e dimensões ou de extravagantissimos aspectos, ameaçadoras continuas da vida da especie, ainda muito longe de vir a ser a senhora absoluta do Universo.

Dahi a tendencia, geral a todos os povos, creadora da crença em monstruosos phenomenos.

Nada mais interessante do que se fazer a resenha das abusões reinantes, por exemplo entre os europeus a respeito das faunas da Africa, da Asia e do Novo Mundo, no alvorecer da primeira centuria americana.

A mais arroubada imaginação de esculptor de gargulhas medievaes, cathedralescas, ou de pintores de entidades infernaes se sentia inteiramente a gosto neste terreno da interpretação dos devaneios da fantasia creadora de uma fauna requintadamente monstruosa como esta da America recem descoberta.

Todo este conjuncto zoologico que os conquistadores imaginaram encontrar compendiava-se em codices celebres cujas copias já constituiam muitas das maiores riquezas dos mais preciosos acervos bibliographicos do Occidente, bibliothecas de reis, pontifices, principes e duques.

E' por elles que podemos ter idéa do que pensavam os europeus contemporaneos das grandes viagens, acerca da fauna das terras ignotas.

O exame de alguns destes velhos tratados nos habilitará a desvendar um pouco dos segredos desta zoologia dos conquistadores.

Para tal fim recorramos porém a um ensaio da lavra de autor sobremodo prestigioso entre nós, pela acendrada brasilophilia que lhe norteou a longa e fecunda vida; Ferdinand Denis.

Em 1843 publicou este douto francez o seu *Le monde enchanté* sobre a cosmographia e historia natural fantasticas medievaes. Nesta obra analysou va-

rios destes codices celebres de que hauriu umas tantas particularidades de pittoresca recordação.

E' aliás da mais agradavel leitura esta obrinha do grande amigo do Brasil, hoje apenas conhecida, talvez, dos bibliophilos e dos collecionadores de brasilianas.

Começa F. Denis lembrando quanto os mythos zoologicos medievaes lentamente se dissiparam. Já para os fins do seculo XVI um grande espirito como o de Ambrosio Paré ainda admittia, nas paginas de seus tratados, verdadeiras fabulas da mais descabellada fantasia.

Toda esta zoomythologia, que foi a dos conquistadores americanos, provém em grande parte, do eclipse da civilisação antiga derruida sob os golpes dos barbaros do Norte e do Oriente, cujas cosmogonias confusas lançaram a perturbação no senso orientador da civilisação occidental norteada pelos genios de Aristoteles, Plinio e Ptolomeu.

«Transmutou-se a face do Universo. E os homens das bellas regiões italicas creram que o mundo passara a ser a presa de seres semi humanos e semi embruxados, nascidos dos connubios de mulheres e demonios.»

Um oasis da sciencia, accumulada pelos seculos e os esforços do genio greco-latino, subsistia comtudo, no meio da barbaria e da ignorancia universaes: o de Byzancio. Mas tão restricto, tão depresso, tão ennevoado pelo confusionismo!

Assim não proseguiram os nobres esforços dos discipulos de Plinio, de Ptolomeu, de Strabão.

Vivendo no eterno sobresalto da guerra voltaram-se os homens para o Céu, abandonando o exame da terra.

Cinco e meio seculos de observações, os frutos do genio de Aristoteles, e da grande mentalidade de

Plinio, o pittoresco das paginas de Elliano, tudo isto os seculos de ferro fizeram obumbrar-se.

Não preoccupou mais ao Occidente o exame da forma da Terra nem o conhecimento dos povos que sobre ella viviam.

A quem possue alguma cultura geral não é a minima novidade relatar-se o que representa o nome de Aristoteles no rol dos precursores da zoologia.

Soube o prodigioso stagirita tirar o maximo rendimento das opportunidades que a sorte benevola teve o capricho de lhe offerecer quando, geralmente, a tantos espiritos absolutamente dignos de seu bafejo se obstina — e por vezes com que energia! — em contrariar.

Assim aproveitando o valimento que lhe trouxera a admiração immensa de dois monarchas — e que dynastas! Philippe e Alexandre! — conseguiu o discipulo de Platão, e uma das maiores cerebrações da Humanidade, ajuntar o material immenso sobre o qual construiu a *Historia dos animaes.*

Reza a tradição que o conquistador, seu discipulo querido, poz á disposição de suas pesquisas milhares de collaboradores, legiões inteiras de caçadores, colleccionadores e observadores, em todos os recantos do immenso e ephemero imperio macedonio.

Tambem que resultados se auferiram desta offerenda magnifica da Força e do Poder ao Genio e ao Saber!

A *Historia dos animaes* veio a ser este monumento de que vinte seculos mais tarde diria Cuvier: «della dimanam as bases verdadeiras das grandes classificações pelo exame das generalidades da organisação dos animaes e os confrontos de suas differenças e parecenças.»

A' *Historia dos animaes* servem de complemento os tratados não menos notaveis das *Partes dos animaes,* primeiro ensaio que jámais se escreveu de phy-

siologia geral, e *Da Geração dos animaes* considerada como obra absolutamente assombrosa em materia de demonstração de acuidade cerebral.

Não é pois exagerado dizer-se, com um grande naturalista moderno, que a obra zoologica de Aristoteles constitue verdadeira maravilha, cuja autoridade, renascida com a Idade Moderna, exerceu sobre os primeiros zoologos immensa influencia.

Naturalmente, acha-se inçada de ingenuidades, erros, desfiguramento dos factos e lendas infantis. Mas por menos poderia ser tal caso?

Assim na obra do formidavel preceptor de Alexandre

Assim na obra do formidavel preceptor de Alexandre Magno vamos encontrar os mais antigos vestigios daquellas abusões multiseculares até hoje indissoluvelmente presas á alma dos povos como a fabula dos caprimulgideos — a que pertencem os nossos bacuraus, urutaus e curiangos — inveterados ordenhadores das cabras cujas mamas se atrophiam logo após a sucção das esquipaticas e horrendas aves, sobrevindo-lhes, quasi immediatamente, irremediavel cegueira.

Entre outras extravagancias que Aristoteles ouviu e aceitou e Boutier reproduz na sua interessantissima *L'évolution de l'ornithologie* lêem-se coisas como estas: a abetarda não choca os proprios ovos. Apenas os põe, envolve-os em couro de raposa ou pelle de coelho e vae deposital-os nas franças das arvores.

Da aguia marinha, depois de lhe recordar a enorme acuidade da vista, conta as seguintes particularidades: quando os seus aguiluchos ainda não estão empennados, obriga-os á fitar o sol. Se algum se recusa espanca-o ferozmente, forçando-o a voltar-se para a luz. E mata o primeiro em cujos olhos percebe lagrimas, no seu furor pela selecção jámais igualada até pelos proprios espartanos.

De Aristoteles a Plinio o Antigo medeiam tres e

meio seculos em que nada de realmente notavel apparece em materia zoologica.

Da victima celebre da erupção de 79

> Que até seus tectos arrazou Pompéa

como diz o nosso Gonçalves de Magalhães, resta-nos a famosa *Historia natural* em 37 livros encyclopedicos.

Mas que inferioridade entre esta e os tratados aristotelicos! Grande escriptor mas mediocre observador, a victima do Vesuvio! A cada passo falsea-lhe ao criterio a descommunal credulidade.

Dahi a immensa massa de superstições grosseiras e inverosimeis, lendas inacreditaveis e fabulas de toda a especie com que Caius Plinius Secundus atulhou os seus trinta e sete tomos.

Compilador formidavel, bibliographo de uma infinidade de autores cujas obras se perderam na voragem da barbaria, era o naturalista de Como um espirito destituido de grande capacidade critica.

E os modernos lhe fazem a grave e justa arguição de haver entretido, com a autoridade de seus escriptos, um sem numero dos mais absurdos preconceitos, no corpo dos conhecimentos scientificos do Occidente. E isto até a Idade Moderna.

Que propagador eximio de fabulas! E quanta fantasia nas suas notas biologicas e ecologicas! A elle se deve a crença persistente nas aves ornadas de magnificas dentaduras e de outras sem lingua.

Como exemplo da imaginação de Plinio recorda moderno autor o que elle affirma das aguias marinhas. Dellas nasciam os xofrangos, cujos filhos eram certos corvos pequenos. A progenie destes vinha a ser os grandes abutres, animaes infecundos.

Depois de Plinio emmudece a musa altisonora da Historia Natural. Um ou outro tratadista, modesto

e apagado, versa os assumptos da *Scientia amabilis*, como Claudio Elliano, no seculo III.

Occorre depois a série dos seculos de ferro, da guerra diaria, a que procura a Igreja moderar com as treguas de Deus, na sua ansia pela paz e a civilisação.

Tudo se baralha, ennovelam-se os fios da lucida intelligencia hellenica. E até os grandes doutores da Igreja, no seu mysticismo, desprezam o conhecimento do mundo, receiosos certamente de se polluir com o contacto das theorias pagãs, dessa sciencia gentilica contra a qual brada a voz genial de Santo Agostinho. Apregoa S. João Chrysostomo que, ao apreciar o mundo physico, a antiguidade se enganara emittindo funestas idéas sobre o destino da alma.

Assim sob o influxo deste pensar surge-nos no seculo VI a geographia de Cosmas o egypcio, Cosmas Indicopleustes, refutador de Ptolomeu.

Foi o Humboldt e o Cuvier dos albores da Idade Media e immensa autoridade angariou, a triumphar das impias doutrinas do sabio de Alexandria.

Dahi a concepção da terra que durante longos seculos perduraria: immenso parallelogramma rodeado pelo Oceano que nelle abrira as quatro grandes brechas do Mediterraneo, do Caspio, do Mar Vermelho e do Golfo Persico.

Mas além do Oceano, no Extremo Oriente, havia outro continente, o berço da Humanidade exilado pelo peccado adamita. Cercavam-no inteiramente, colossaes muralhas que se abobadavam para servir de base ao habitat dos Eleitos de Deus.

Surgem nos tratados do Indicopleustes as reminiscencias dos sabios da cultura greco-latina e nelles se refugiam as noticias das faunas exoticas.

Na extremidade do mundo occidental, contemporaneamente se refugia a cerebração potentissima desse homem que Cuvier proclamou o ultimo sabio do mundo antigo: Santo Isidoro de Sevilha.

Preservara-o o claustro, diz Ferdinand Denis, expressivamente, das perturbações da mythologia nordica, muito embora lhe corresse pelas veias o sangue godo. Segregado de seu ambiente viveu no mundo romano e decorrido meio millenio era ainda a sua grande *De rerum natura* que aos occidentaes ensinava a sciencia da antiguidade.

Quando por toda a parte reinava o silencio da barbaria ouve-se-lhe ainda a voz.

Passam-se os seculos e os occidentaes assombrados vêem-se em contacto com as hostes do Islam, que chegam ao coração das Gallias.

Joga-se a sorte da Humanidade naquelle dia da terrivel carnificina de Poitiers, em que a Cruz derrota o Crescente, em que a frankisca rebate a cimitarra e o Norte vence o Sul. Enceta-se a conquista definitiva do Globo pelos homens do Occidente.

Um dos maiores germanos de todos os seculos, esse Carlos que enche o Mundo com o seu nome, manda aos seus barbaros que se calem e se inclinem ante a superioridade mental dos latinos.

E na Escola Platina volta a ser pronunciado o nome de Ptolomeu pelo orgão de Alcuino.

Mas, naquelles seculos de ferro, que podia ser a voz da sciencia senão o timido murmurio de um ou outro ensaista tratando de desvendar os segredos dos reinos da Natureza?

A terra que, seculos mais tarde, haveriam os lusiadas de passar quando navegavam ainda aquem da Taprobana, a terra posta por Cosmas como limite do Universo, continuava a ser o marco extremo do globo habitavel.

A arte do illuminador de manuscriptos começa a se adornar com as fantasias da imaginação dos iconographos que interpretam as descripções das faunas e das floras exoticas.

A angustia da aproximação do anno mil, fazendo redobrar o mysticismo, novo desvio traz. Passa-se o terrivel dia da prevista catastrophe apocalyptica e o Occidente, livre do estranho pesadello, recomeça timidamente a estudar a face da Terra e o aspecto dos homens e das bestas.

Ninguem duvida que os ares das regiões longinquas sejam sulcados pelos temiveis dragões e os terriveis basiliscos. Nas cavernas continua a viver aquella raça tremenda a que pertenciam os monstros domados pelos santos como a Tarasca provençal e o Graoulli loreno.

No tempo de Carlos Magno se tinha como certo que as auroras boreaes nada mais eram do que os coriscos despedidos pelos embates das armas dos feiticeiros, que pelos ares se degladiavam.

E a teratologia heraldica das guivras e dos unicornios, das aguias bicephalas e dos gryphos, dos leões alados e dos dragões, promana directamente de uma série de crenças solidamente alicerçadas.

Da escola de Alcuino procedem autores de grande autoridade, como Rabano Mauro. Recomeça Santo Isidoro a ser lido e com elle os velhos autores naturalistas da antiguidade.

Voltam a baila os tratados ornithologicos de Oppiano, frequentemente cheios de fantasia. Acredita-se no depoimento de Eliano quando affirma que certas ovelhas ás vezes concebiam de leões. No proprio Plinio quanta coisa maravilhosa! como aquelle caso de uma raça cavallina cujas femeas eram fecundadas pelo vento, e de que procediam poldros condemnados á ephemeridade de uma vida de tres annos.

De Ctesias a Santo Agostinho quanta coisa estrambotica! Procediam os gryphos dos amores da aguia e do lobo. Nascia a avestruz do connubio dispar do camelo com uma ave immensa. A hyena mudava de sexo com as estações. Quanto á girafa procedia ella

dos amores de um hybrido de camelo e hyena com uma corça. Os gryphos, cerberos das minas de ouro, viviam em perpetua batalha com os immensos gigantes cyclopianos Arimaspes a quem devorava a classica *sacra fames*.

Attingiam as baleias a seiscentos pés de comprido e trezentos de largo. Não affirmara Plinio que de uma de seiscentos e cincoenta se sabia? O leviathan biblico continuava a dominar os mares orientaes.

E o physetero, cujos jorros esguichantes eram capazes de pôr a pique um navio grande?

E o gracioso porphyrion, semi palmipede e semi gallinaceo, com um pé de ganso e outro de perdiz? Avezinha gentil que tanto se affeiçoava ao homem, cujo convivio procurava! E tão delicada de sentimentos que ao descobrir uma infidelidade da mulher de seu amo fallecia de traumatismo moral!

Corriam a respeito dos animaes mais vulgares uma serie de disparates. A gralha, por exemplo, vivia nove vezes mais que o homem, e certos veados dez vezes mais do que a gralha. Os ossos dos grandes antidiluvianos eram tidos como os dos homens immensos de raças desapparecidas, do gigante Abchamas e do rei barbaro Teutobocchus.

Nos primeiros seculos medievaes, depois do anno mil, ainda são raros os *Bestiarios*.

Começam a apparecer as relações de viagem as mais imaginosas. Antes de Marco Polo e de Ruysbroeck as dos judeus Benjamim de Tudela e Petacchia ao Extremo Oriente. Ambos grandemente enxertam, em suas paginas, a velha zoomythologia, repetindo informações alheias.

Uns fragmentos de Aristoteles e os livros de Plinio são os inspiradores de quantos descrevem as cousas da Natureza, como se dá no seculo XIII com Alberto Magno. Na opinião de Ferdinand Denis é o *Miroir du monde*, de Brunetto Latini, a encyclopedia

do seculo XIII, que insere o melhor quadro das idéas zoologicas do seu tempo.

Depois de dizer que o nosso globo tinha de largo 24.037 leguas lombardas, e o terço desta dimensão em espessura, accrescenta que na atmosphera mil cento e onze ventos principais eram conhecidos cujos choques produziam os raios.

Dá-nos, depois, grande quantidade de outros apontamentos cosmogonicos igualmente preciosos para passar a occupar-se da geographia propriamente dita.

A seu ver occupava a Asia metade do Globo, desde a foz do Nilo até a do «rio de Tranam» ao extremo Oriente.

No occidente asiatico é que existia o paiz dos Yssenios onde reinava a idade do ouro!

Ali sim se praticava a virtude, entre estes povos santos! Tambem tudo se explicava facilmente: não havia entre aquella gente admiravel as duas grandes causas das discordias humanas, a mulher e a pecunia. «Car entreaux n'a nule femme ne pécune n'est conue. Et si maintes gens i vont nul n'y peut manoir longuemente, si castetée et foi et innocence n'est avec lui».

Do paiz dos misogynos e pecuniophobos Yssenios ia-se ao de Seluice onde se erguia tão gigantesco pico que no seu cume havia sempre sol.

Depois do enorme deserto de Seluice occorria o paiz dos *Serres* que se vestiam de uma lã feita da casca de certas arvores.

Na Africa, na *terre d'Aufrique,* redobravam os prodigios como por exemplo succedia a certos rios cujas aguas tal viscosidade apresentavam que apesar de correrem acima das suas margens não inundavam as terras ribeirinhas! Era na *terre d'Aufrique* que fluia o Letheu, o rio infernal cujas fontes surdiam no proprio imperio de Satanaz.

Os troglodytas, as amazonas, mais tarde transportadas á America, os garamantes habitavam aquelle continente de fogo.

As enormes marés que lhe assolavam o littoral provinham dos esforços convulsivos da terra, ao respirar.

Porque muitos doutos affirmavam: tinha a Terra alma e precisava respirar «comme on fait par li narines».

Tambem outras convulsões terraqueas faziam saltar das entranhas do globo myriades de sêres malditos e pavorosos. No tratado da *Propriedade dos que têm magnitude, força e poder em suas brutalidades*» occorrem circumstancias muito interessantes. Por que motivo perseguia o dragão aos elephantes e de maneira atroz? Pura questão therapeutica! Sentindo-se na imminencia de crise uremica buscava o antidoto unico para o seu caso, o sangue do pachyderme!

Simplesmente isto: «le sang de l'élephant qui est froit estanche la grant challeur du venin du dragon».

Nada mais pittoresco do que os amores da terrivel serpe guivra. No tempo do cio reptava até as praias do mar onde sabia que existiam mureias. La se emboscava emittindo mavioso e aflautado canto. Attrahida por essa musica era o anguiliforme engulido, tornando-se então possivel a fecundação da cobra.

Pouco depois paria ella, sendo immediatamente devorada pelos filhotes!

Entre os reptis e peixes africanos colloca o nosso douto autor as sereias e os hippopotamos.

Sobre o unicorneo lê-se no exemplar do *Miroir du mond* do *fonds Colbert*, 7066, da Bibliotheca Nacional de Paris, muito pormenorisada noticia.

Tres eram aliás as especies de unicorneos, duas das quaes chamadas *eglisserion* e *monoceros*.

Nada tinha o unicorneo de gigantesco, pelo contrario eram-lhe as dimensões apenas as de um cavallo de pernas curtas. Este bicho de corpo branco, cabeça purpurea e olhos azues, ostentava um chifre de tres côres: branco na raiz, negro como ebano no centro e rubro na ponta. Animal cheio de sentimentalismo, valoroso e terno ao mesmo tempo, se se mostrava o terrivel e implacavel inimigo do elephante tambem vinha a ser o inseparavel amigo do pombo, cujos arrulhos o deixavam extatico. Do modo mais encantador lhe retribuia o amoroso volatil esta amizade vindo pousar, a cada passo, na arma terrivel do fantastico quadrupede.

Era o unicorneo caçado porque o seu chifre tinha propriedades therapeuticas de inestimavel valor. Basta lembrar que o seu contacto neutralisava immediatamente o mais perigoso veneno. Qualquer liquido toxico passava a ser o mais inoffensivo licor. Se o bicho mergulhava os chifres num rio ficavam as aguas deste saneadas.

Se acaso uma faca guarnecida da tão preciosa substancia cornea, tocasse uma vianda intoxicada, immediatamente, transudava de seu cabo subtil transpiração avisadora do perigo.

Na Ethiopia rebanhos enormes de unicorneos se viam affirmaria gravemente, já na Idade Moderna, um viajante portuguez, o Padre Lobo! E elle os vira!

O leão era o unico animal capaz de caçar o unicorneo. Nos tratados do genero do de Brunetto Latini como no tão conhecido *De belluis et monstris* encontram-se uma infinidade de informes sobre a fauna teratologica de antanho.

Voltam, porém, á civilização occidental os escriptos de Aristoteles de que os arabes tinham dado a conhecer excerptos. Já em 1475 se verte para o latim a *Historia dos Animaes*, que exerce prodigiosa in-

fluencia sobre a mentalidade scientifica occidental, desde os primeiros dias de sua divulgação.

Exactamente no anno em que Christovão Colombo voltou da America, em 1493, appareceu impresso um livro de grande divulgação: *As idades do mundo*, magnifico repositorio dos ensinamentos cosmographicos contemporaneos. Tal o sub-titulo famoso do *Liber Chronicorum* mais conhecido sob o nome de *Chronica de Nuremberg*.

Nelle se reflectem, com toda a exacção, as noções ensinadas nas cathedras medievaes. Assim se repete com Santo Agostinho que os antipodas eram coisa da carochinha. Mais tarde illustre theologo ameaçaria fulminar com o estygma da heresia quem acreditasse em semelhante fabula.

Lactancio cuja influencia tão grande foi, cobrira de ridiculo esta chimera cosmographica.

Colombo, porém, dominando pelo genio as idéas do tempo, tivera como certo que navegando para o Occidente em poucas semanas attingiria a ilha aurea de Cipangu, que Marco Polo descrevera.

Eram as velhas e arraigadas idéas medievaes que levariam o genovez a declarar ter na Terra Firme de America avistado sereias, ao attingir a foz de grande rio que fluia do Paraiso Terreal.

Localisava este no Occidente embora tivesse de contraditar a opinião dos doutos. E que doutos? Santo Isidoro, Beda o Veneravel, Estrabão, Santo Ambrosio, Santo Thomaz, Duns Scott que unanimes collocavam o Eden no Oriente.

Era pois no Norte da America Meridional, na bacia do Orenoco que havia vivido o casal progenitor da Humanidade, não sobre escarpado monte como muitos afiançavam, mas em terreno de suave declive.

Como não preoccupava aos autores do tempo a exacta localisação do Eden! Enorme bibliographia se

avultava ainda a tal respeito já quando os annos da Idade Moderna iam avançados. Assim, ainda em 1565, publicava-se, em Antuerpia, a *Epistola de orbis situ ac descriptione,...* de Franciscus Monachus, obra de grande aceitação sobretudo por pretender ventilar tão palpitante assumpto.

II

Uma obra de Langlois. Analyse de bestiarios e encyclopedias medievaes. A Imago Mundi e suas maravilhas. Li livres dou Trésor.

Na bibliographia franceza encontramos precioso guia para o fim que temos em vista ventilar, o volume relativamente recente de um dos mais fortes eruditos dos nossos dias, Carlos Victor Langlois.

Na historia da erudição contemporanea poucos nomes terão tanto prestigio quanto o deste autor doutissimo a quem a bibliographia de sua lingua deve alguns dos mais notaveis trabalhos de pesquisa de que pode ufanar-se E sobre uma serie de assumptos os mais variados.

Assim, começando por notavel estudo do reinado de Philippe III, o *Ousado,* muito escreveu sobre os methodos de critica historica e versou assumptos pedagogicos e bibliographicos sempre com rara felicidade. E de muitas outras questões tratou tambem sempre com real destaque.

Mas o que em sua obra mais sobreleva, talvez, vem a ser os estudos medievaes; os capitulos magnificos sobre os reinados de São Luiz e seus successores até o ultimo capetingio directo, a reconstituição da vida social franceza levada a cabo na serie esplendida da *Vida em França na Idade Média* em que destacaremos *La connaissance de la nature et du monde.*

Neste livro analysa o grande erudito uma sequencia de manuscriptos que constituiam, por assim dizer, a bibliotheca scientifica daquelles seculos longinquos, taes como: *Placides e Timeo*, os poemas de Philippe de Thaon, a pseudo mensagem do Prestes João ao imperador de Byzancio, Manuel Comneno, o *Mappa mundi* de um Pierre de quem só se conhece o prenome, a famosa *L'image du monde* de mestre Gossuin e afinal *Li Livres dou Trésor* de Brunetto Latini de que fizemos especial menção atravez das paginas de Ferdinand Denis.

Respigando aqui e acolá, neste verdadeiro thesouro de sabedoria das coisas medievaes, apanhemos um certo numero de achegas para o nosso perfunctorio trabalho de apresentar algumas das mais curiosas abusões zoologicas vigentes na Europa ao alvorecer a era das descobertas e conquistas americanas.

Os *Bestiarios* antigos muito reproduzidos na Idade Média são obras de zoologia geralmente inspiradas nos autores gregos, embora cheios de enxertias mais recentes.

Dá-nos Langlois idéa de um dos mais celebres, o de Philippe de Thaon, clerigo cujo poema se conta entre os mais antigos e famosos monumentos da literatura anglo-normanda.

Descrevendo as faunas exoticas, conta-nos o bom homem coisas pasmosas.

Do leão, por exemplo: traça o bicharoco com a cauda um circulo, no solo, dentro do qual ficam as presas a que cubiça incapazes de se moverem desde que tenham a infelicidade de transpor a linha magica. A fugir perseguido pelos caçadores apaga o rei dos animaes o rasto com a cauda.

Um unico animal lhe inspira terror, o gallo, assim mesmo quando branco. A leoa pare sempre cachorrinhos mortos. Então põe-se o macho desespera-

do a rugir, durante tres dias, o que determina a resurreição dos filhotes!

A hydra, o terrivel inimigo do crocodilo camuflava-se com limo e o saurio a engulia. Era então que lhe devorava as entranhas para depois reapparecer á luz do sol triumphante de tal proeza!

O aptalon serrava as maiores essencias florestaes com os cornos, acerados como foices.

Na Ethiopia viam-se formigas, grandes como cães, que tinham a especialidade de apanhar palhetas do leito dos rios auriferos. Tentar alguem tirar-lhes o ouro era arriscar a vida pela certa. Para se apoderarem do metal usavam os abexins da seguinte traça. Levavam ao alcance dos gigantescos hymenopteros eguas recem-paridas albarbadas de alforges, onde os temiveis insectos victimas da *sacra fames* vinham guardar o ouro. Ahi traziam os astutos ethiopes os poldros á vizinhança das eguas. Relinchando chamavam as mães que corriam carregando as pepitas.

E' esta historia aliás divulgada desde Herodoto que parece ter sido quem a espalhou.

Outro orientador medieval dos conhecimentos geographicos sobre paizes exoticos, veio a ser o autor incognito da *Carta do Prestes João*, que, no Occidente, e a partir do seculo XII, teve immensa e perduradoura repercussão.

Foi provavelmente um dos livros mestres de informação da famosa embaixada de Dom João II ao Negus, missão confiada a dois dos mais celebres nomes do periodo magno das descobertas lusitanas; Pero de Covilhã e Affonso de Paiva, como todos sabem. Desta pretensa epistola do Prestes João hoje ha colossal exegese de não sabemos quantos eruditos de numerosas nacionalidades sobretudo francezes e allemães.

Nem é necessario aqui recordarmos o que na Idade Media corria sobre os dois Prestes João: o das In-

dias e o da China, monarchas soberanos de povos christãos completamente insulados por nações infieis, que lhes eram hostis.

Na tal carta suppositicia affirmava o dynasta exotico ao basileu que, em sua terra, além dos elephantes, dromedarios, hippopotamos e crocodilos viviam animaes monstruosos de que nunca os europeus haviam ouvido falar como os *methagellinarii*, os cametheternis, os thinsiretes, etc., além dos *fauni, satiri et mulieres ejusdem generis*, gigantes humanos de quinze covados de altura, quasi onze metros!

Entretanto já haviam estes colossos degenerado. Seus ancestres mediam nada menos de cincoenta covados (26,40!) Nos senhorios do Prestes viviam ainda os negros *cyclops* de enorme olho frontal, unico e espelhante, como tambem em certas de suas provincias tantas eram as serpes que formavam correições como as formigas.

Tão ricamente dotado o seu reino que nelle occorriam abundantes fontes de mel e outras de leite. A decripção da opulencia da côrte, dos palacios e do cerimonial do monarcha attinge as raias da mais escaldante inventiva.

E assim vivia o rei dos reis da Terra (que por humildade christã só usava o titulo de Prestes João) entre o ouro e as pedrarias, os jaspes e os alabastros, tendo como camaristas, continuamente, sete reis, quarenta duques, trezentos condes e quarenta e cinco barões!

A seus repastos assistiam sempre nada menos de onze arcebispos, onze bispos além do primaz, arcebispo de São Thomaz, e dois almirantes!

Nada menos tambem de trezentos e sessenta e cinco abbades eram-lhes os capellães ordinarios!

Um dos mais famosos tratados de geographia universal da Idade Média cuja autoridade continuou acatadissima até o limiar da era moderna e a época

das grandes viagens de descoberta foi a *Imago mundi*, «obra celeberrima», na opinião do sabio Langlois.

Desta *Imagem do mundo* nada menos de trinta e dois codices manuscriptos existem que figuram entre os maiores thesouros das mais notaveis bibliothecas occidentaes.

Attribuem alguns a sua autoria a certo Mestre Gossuin, clerigo loreno. Consiste num poema de cerca de 6.600 versos octosyllabicos. Ha quem distinga, na *Imago mundi*, o autor primitivo, Gossuin um remodelador do texto, Gauthier de Metz, e talvez outro ainda, certo Omont.

Teve divulgação immensa e gosou da mais extensa e notavel fama. Traduziram-na para diversos idiomas. Assim fatalmente teria de ser imitada e plagiada. E o foi, diversas vezes. Ainda em 1517 certo escriba chinfrim, François Buffereau, teve o topete de a publicar sob o titulo *Mirouer du monde*, tendo-se limitado a modernizar-lhe a lingua!

Durante mais de tres seculos fizeram immensa fé as asserções da *Imago* e entre os autores celebres que nella se abeberaram varios têm a maior reputação como Brunetto Latini.

Tambem diz Langlois expressivamente: constitue verdadeira encyclopedia elementar, de um Elyseu Réclus anonymo daquella epoca.

Depois de alludir á omnipotencia do Criador, observa Gossuin que Deus fez o Mundo sem que para tal tivesse a minima necessidade, pois nada lhe faltava.

Por mera caridade obrara, pois, e sómente para o offerecer ao homem.

Explica depois a forma do firmamento, que envolve o mundo, redondo como uma bola, allude aos quatro elementos aristotelicos e explica o movimento do céu e dos planetas. Rodava o sol com o céu e a

sua fixidez sobre o firmamento era como a de uma mosca pousada sobre uma roda em movimento.

Na descripção da Terra é que se resume o maior interesse do sabio tratado. Dividia-se esta em tres regiões: a Asia, antigo dominio da rainha *Madame Aise* (donde o seu nome), a Europa, monarchia do rei Eutropio e a Africa, cujo etymo é o latim *Affer!* Traze!

Na primeira região da Asia occorria o antigo Eden, com a sua Arvore da Vida, murado desde a expulsão dos nossos primeiros paes, por uma cortina de chammas que attingia o céu.

De uma fonte do Eden, manavam quatro enormes rios: o Phison ou Ganges, o Gyon ou Nilo, que corria subterraneamente, por sob o Mar Vermelho, e reapparecia na Ethiopia, o Tigre e o Euphrates.

As regiões em torno do Paraiso tornavam-se inhabitaveis, graças ás innumeraveis feras ali existentes.

Junto ao Paraiso estava a India, onde occorriam dois verões e dois invernos, terra do ouro e das pedrarias cujas minas eram defendidas por dragões e gryphos alados, tão fortes que podiam levantar o vôo carregando ás garras qualquer cavalleiro e sua respectiva cavalgadura.

Terra extraordinaria esta das Indias, onde havia florestas tão altas que attingiam as nuvens! Lá viviam innumeros anthropophagos e homens cornudos, pygmeus de progenie rapidissima, pois aos sete annos estavam completamente decrepitos.

Os mais terriveis inimigos destes anões vinham a ser os grous que os dizimavam em batalhas terriveis.

Na região indiana, onde se notavam vinte e quatro zonas diversas, quanta coisa extraordinaria occorria!

Homens que só bebiam agua salgadissima e a quem a agua doce era lethal.

Populações de cynocephalos, de unhas immensas, que não falavam e sim ladravam, homens de um olho só, frontal, claro e vermelho, outros acephalos cujo rosto se localisava entre as espaduas, com um olho em cada hombro e cujo nariz entrava na boca á vontade do sujeito.

E os ciclopianos! que specimens curiosissimos da Humanidade com a sua unica perna e seu immenso pé! Tão grande este que lhes podia servir de escudo ou de guarda sol. Mau grado tão rudimentar apparelho de locomoção corriam celeres como o vento!

Uma das mais curiosas populações da India consistia em certa casta de individuos que, para viver, precisavam trazer sempre á mão determinada maçã. Isto porque a qualquer momento deviam levar tal fruto ás narinas. Bastava que tal gente tivesse a sensação do mau cheiro e não pudesse valer-se do estranho pomo para que cahisse desfallecida e immediatamente morresse.

A fauna asiatica prodigiosa se mostrava cheia de monstros e mostrengos.

Assim a *centiquore* com os seus chifres de cervo, peito leonino, pés de cavallo, guela redonda como a boca de um tonel, olhos unidos um ao outro e voz humana!

E o amphibio de corpo equino, cabeça de javardo, cauda de elephante, com dois cornos, de mais de covado e moveis como se tivessem dobradiças?!

E os touros, immensissimos, brancos, cuja guela se abria de orelha a orelha, e cujos chifres possantes, ás vezes em numero de tres, tambem eram moveis?

E a manticora — curiosissima bestiaga, de cara humana, olhos caprinos, corpo leonino e cauda escorpionica? E celere como uma ave! Com que arte cantava, attrahindo aos viandantes da floresta para os devorar?

O monocero, este, apresentava tronco equino, pés

elephantinos, cabeça de veado e cauda porcina. Provinha-lhe o nome da aspa unica, implantada no centro da fronte, recta, aguda e cortante.

Quando enraivecido atacava e o seu furor tudo destruia, onde quer que passasse. Prendiam-no ás vezes, mas o captiveiro lhe era fatal, morria logo. A unica armadilha capaz de o reter era, o mais singular dos mundeus, o chamariz de uma moça virgem: pousava a cabeça ao collo da rapariga e adormecia. Ahi sim podia ser acorrentado.

Outro animal perigoso, cuja captura exigia interessante manobra, vinha a ser o tigre. Tinham os caçadores de o atacar abroquelados em espelhos. A fera os atacava logo que os divisava e ás vezes partia os vidros reflectentes. Mas logo depois ficava tão acovardada e inerte que se deixava amarrar, sem a menor resistencia.

Quanta nota biologica interessante nos ministra tambem a *Imago mundi* sobre a fauna indiana!

Por exemplo: o castor, sabendo o que os caçadores delle queriam, praticava sabiamente o conselho do proverbio sobre a salvação dos dedos á custa dos anneis.

Com os dentes se emasculava! Curiosissimo tambem o que graves autores contavam da panthera. Via-se frequentemente o macho, com infinda delicadeza, praticar, com as garras, a laparatomia da sua companheira, para lhe salvar a vida, por meio da operação cesariana!

Este felino, depois de se empanturrar de carne, cahia durante tres dias em catalepsia e o seu halito se tornava então balsamico, perfumando as selvas!

A salamandra, filha e habitante das chammas, tinha a lã incombustivel.

Espantoso é o que succedia ás eguas da Cappadocia, que, vegetalizadas, não precisavam de gara-

nhões para a fecundação, pois esta lhes era feita por certo vento, em determinada época.

O marfim do elephante da Persia, tão frigido se mostrava que extinguia carvões ardentes. As elephantas só podiam dar cria dentro da agua, sob pena de lhes morrerem os filhotes.

Tão grande, poderoso e valente animal, de guerra e de caça, e no emtanto sujeito a inexplicaveis panicos! Tinha terror dos camondongos, das cobrinhas e das cevandijas! E com razão, pois só uma certa minhoca, que sobresahia, pelo facto de ter dois tentaculos, o matava com a maior facilidade.

No Ganges nadavam enguias de cem toezas (198 metros) de comprido! Em suas margens viviam hediondos dragões e o basilisco, cujos olhares fulminavam os humanos e matavam os vegetaes.

Espantosa tambem a ophidiologia indostanica. Além das enormes serpentes, armadas de cornos de carneiro, uma das mais curiosas destas cobras vinha a ser certa aspide venenosissima e maniacamente melomana.

Mas bichinho esperto como raros! Para a fazer deixar a toca o melhor recurso era ir um bom flautista tocar-lhe uma melodia sentimental.

Infallivelmente sahia a serpe do buraco, mas, quando via o perigo a que se arriscava, tinha um recurso extraordinario: deitava-se de lado, enchendo um dos ouvidos de terra. E, com a ponta do rabo, obstruia o segundo canal auditivo! Fosse o flautista substituido e até pelo semi-divino cantor e inconsolavel amante da bella e raptada Eurydice! E modulasse os seus mais maviosos trinados ou tangesse as debeis cordas da lyra casimiriana, arrancando-lhe as mais deliciosas vibrações. In albis voltaria da caçada, que o bichinho, sabio como Ulysses e de ouvidos tapados, resistiria a toda e qualquer aria da seducção que lhe fosse cantada ou dedilhada.

Outra especie de cobras indianas, muito curiosa, era a que trazia engastada ao couro pedras preciosas.

No Norte da Asia, quantos povos de aspecto extravagante! Assim, por exemplo, vizinho das Amazonas, vivia outra raça de mulheres gigantescas, brancas como neve, de rosto bellissimo, mas com dentadura canina, voz taurina e o corpo totalmente coberto de cerdas suinas!

Por ali viviam aves cuja plumagem, á noite, illuminava as florestas.

E — duas raças de papagaios separados pela distinção das castas: os aristocratas, grandes como gaios, verdes como pavões, dotados de canela longa como a das pegas, apresentavam cinco dedos, ao passo que os villões da raça só contavam tres de taes prolongamentos.

Nas ilhas do Mar Oceanico quantos phenomenos! Assim ás costas de Irlanda chegavam revoadas de certos passaros que nasciam de arvores. Em momento opportuno, do tronco se destacavam como se fossem frutos maduros, presos pelos bicos que faziam de pedunculo!

Em certa ilha os ares maleficos e misogynos fulminavam qualquer specimen feminino: humano ou animal. Indemne por ella passava a gens masculina!

Em outra ninguem morria! Os cansados de viver, os suicidas precisavam dali ausentar-se para se libertarem do fardo vital.

Determinada especie de aguias era como a phenix, immortal, mas não usava o classico processo de recolhimento ás cinzas e consequente renascimento das mesmas.

Sentindo-se decrepita ascendia a ave jovina a incommensuraveis alturas, pairava acima das nuvens e tranquillamente deixava-se grelhar pelo Sol, que além

de a cegar lhe calcinava a plumagem toda. Ao sentir completos os effeitos de tal manobra heliotherapica deixava-se despencar como uma massa no seio do mar, de onde, dentro em pouco emergia rejuvenescida para nova e larga serie de annos.

Não eram os rios que salgavam o mar e sim exactamente o contrario: A agua salgada dos oceanos ia-se gradualmente adocicando ao atravessar as terras onde formava os rios.

Se havia fontes mineralisadas é porque suas bacias se constituiam de terras negras, amargas e cheias das podridões procedentes de animaes immundos e venenosos, o que ás vezes as tornava mortiferas.

Quanta curiosidade em materia hydrographica!

Certo rio da Samaria mudava quatro vezes, por anno, de côr, de verde passava a sanguineo, depois a pardo e afinal a crystallino.

Ninguem bebesse tal agua cuja lethalidade vinha a ser terrivel!

E o rio Sabbado? assim chamado porque deixava de fluir, completamente, um dia todas as semanas?

E o outro rio, da Persia, que todas as noites gelava durante o anno todo? E outro ainda no Epiro, cujas aguas não conseguiam extinguir as brazas? E outro, este da Ethiopia, que de noite dava agua fervente e de dia gelada?

E mais outro cuja lympha causava a cegueira dos ladrões? E mais outro ainda, dançarino *enragé*, cujas aguas tranquillas, inteiramente placidas, se encrespavam, e encapellavam até, quando em sua margem havia musica animada?

E aquellas fontes do Oriente de aguas inflammaveis a cujos fogos só podiam extinguir o vinagre, a urina e a areia?

De Brunetto Latini, o erudito florentino que passa por ter sido o mestre do mais illustre discipulo — Dante Alighieri! (circumstancia que diversos eruditos

contestam aliás) ficou o *Livro do thesouro* escripto em França, e em francez: *Li livres dou Trésor*, na segunda metade do seculo XIII. Teve esta obra, famosa, já na Idade Média, enorme divulgação, catalogada como peça da maior valia nos inventarios das melhores bibliothecas regias.

Atravez dos seculos persistiu a fama deste *Livro do Thesouro*, e a tal ponto que em nossos dias, seu prestigio não se abateu. Pensou Napoleão I em reedital-o, em tiragem especial, acompanhado dos commentarios de eruditos humanistas.

Não se verificou este desejo que Napoleão III objectivou incumbindo ao douto Chabaille de tal tarefa. E elle a realisou cotejando nada menos de quarenta codices do celebre livro. Mas entende Langlois que foi o trabalho mal feito. Deixou Chabaille de compulsar numerosas versões do *Thesouro*, como as que aponta J. Minchwitz.

Compilador intelligentissimo, valeu-se Brunetto Latini, para a sua *Cosmographia* já não só de Aristoteles e Plinio e dos autores sacros dos primeiros seculos christãos como tambem, e muito, dos antigos *bestiaires* francezes.

Mas tambem, observa Langlois, raros escriptores houve tão pouco conscienciosos quanto este florentino. Assim empanturrou os seus textos de enxertos de toda a especie, realizados com a maior leviandade.

Além dos informes já citados provindos do livro de Denis lembremos alguns para os quaes chama Langlois a attenção.

Pretende o *Livro do Thesouro* dar aos seus leitores uma descripção do Universo. Inculca ao mesmo tempo conhecimentos geraes sobre todas as sciencias estudadas no seu tempo.

Faz uma salada pavorosa da Historia Universal. Da meteorologia, por exemplo, ainda impinge impagaveis noções; da astronomia nem falemos.

Chegados ao *Mappamundi* ministra-nos o sabio encyclopedista um ror de informações as mais «authenticas», pontuadas por numerosos pormenores dos mais interessantes.

Assim, depois de contar que a Asia termina no Paraiso Terrestre fala-nos de certos rios da Persia, cujas aguas tingiam o pello dos animaes que as bebiam. A do Mar Morto, densa como manteiga, só se liquefazia quando bem misturada ao fluxo catamenial!

Na India era immensa a diversidade dos povos mais exquisitos de formas.

Assim ao lado dos cynocephalos vivia certa raça de homens sem cabeça, cujos olhos se encontravam no meio do peito.

Em outra nação os individuos só tinham um pé e um olho. Em outra as crianças apresentavam cans e os velhos cabellos negros. Em outra, ainda, as mulheres já aos cinco annos eram fecundadas e aos oito attingiam a extrema velhice.

No céu de certa região oriental só apparecia uma estrella e a lua era visivel oito dias por mez, apenas.

No capitulo das serpentes exoticas relata-nos Brunetto Latini que nada para ellas era tão perigoso quanto a saliva do homem em jejum. Matava tal liquido instantaneamente — mas quando ingerido, note-se-o bem! — a qualquer serpe das mais vigorosas.

Obra de immensa autoridade até pela era moderna a dentro quanto não inspirou o *Livro do Thesouro* aos primeiros autores que trataram da America.

Frequentemente revelam estes tratadistas primevos a influencia das lições hauridas nas paginas do mestre do Dante, ao communicarem á Europa os prodigios das terras americanas.

Discute Brunetto diversas questões de notavel importancia. Assim, por exemplo, um ponto da maior relevancia scientifica medieval, vinha a ser o seguinte: qual mais alto, o mar ou a terra?

Do Mar Oceano, que envolvia o Globo, promanavam todos os demais mares, os rios e as fontes. Delle nasciam e a elle voltavam. Estava a terra completamente escavada de veias e cavernas onde a agua procedente do Oceano circulava como o sangue no corpo humano.

E como era o mar mais alto que a terra nada havia de notavel no facto pelo qual nasciam as fontes nos cumes de altissimos montes, nos mais elevados picos do Universo.

A côr adquiriam-na as aguas conforme o contacto das terras, as veias de enxofre, ouro e outros metaes que dissolviam. Tornavam-se nocivas ao atravessarem «cavernas putridas».

A rapidez das aguas subterraneas determinava violentas correntes de ar que aqueciam o enxofre (dahi as fontes thermaes), provocando tambem os terremotos.

Do choque dos ventos resultavam os relampagos que incendiavam as nuvens, produzindo-se então o trovão. Se a faisca precedia o estampido era que «o ver é mais rapido do que o ouvir».

Tudo no nosso globo dependia da regularidade do movimento celeste em torno da Terra, do curso dos diversos planetas atravez dos doze signos zodiacaes. Ai da Humanidade se o firmamento cessasse, um instante que fosse, de girar! Tudo seria destruido.

Voltemos porém á zoologia. Gravemente rectifica o nosso bom Brunetto a Plinio que declarara não haver senão cento e quarenta e quatro especies de peixes (ahi se incluindo os amphibios).

Eram ellas innumeras, como innumeros os seus exemplares pelo universo. As baleias enguliam os filhotes em caso de perigo e os vomitavam sãos e escorreitos.

A hybridação dos peixes ninguem a conhecia. Não era coisa como a dos equinos por exemplo.

A vida das enguias residia na cauda e ellas se cruzavam com os ophidios terrestres.

Entre os peixes curiosos devia pela previdencia ser citado o *echinus*. Ao prever as tempestades tomava uma pedra que lhe servia de ancora ou poita.

Os crocodilos, quasi invulneraveis, eram no emtanto victimas de uma serpezinha aquatica o cocatrix que penetrava pela sua guela abaixo e lhes perfurava o corpo.

Curioso vinha a ser o seguinte: em determinada terra os indigenas, no emtanto anões, domavam os crocodilos e os cavalgavam, obrigando á mais cega obediencia estes ferozes corceis aquaticos.

O basilisco, lagartão tremendo, rei dos ophidios, envenenava o ar com a simples presença. As emanações do corpo eram-lhe sufficientes para matar as aves que perto delle voassem e em raio não pequeno.

Quantos homens tinham trespassado só por haverem encontrado pelo caminho semelhante bestarraz!

Seis pés de comprido contava, e apesar de reptil marchava semi erecto empinando longa crista como a de um gallo!

Pois bem! apesar de tanta efficiencia mortifera tinha terror da doninha. E o mais justificado pois este bichinho, devastador dos gallinheiros, o liquidava como um gato a um camondongo!

Lembra o autor aos povos a precaução de Alexandre que ao penetrar na região onde abundavam os basiliscos, armara seus soldados de um apparelho de vidro que permittia o caçador ver o pavoroso lagartão sem que este o divisasse.

Outro bicharoco tremendo era o dragão, um dos maiores do Universo, que só queria viver em terras de muito alta temperatura.

Voava admiravelmente, deixando á sua passagem igneo sulco.

Movia atroz guerra á raça elephantina pacifica e robusta.

Uma só rabanada e o pobre pachyderme attingido cahia prostrado.

Outro prodigio zoologico: a scytala, animal mosqueado de movimentos lentissimos, mas de olhares terriveis. Petrificava as victimas a que depois devorava com requintes de perversidade, a mais tarda tambem.

O grande perigo para o homem por parte da salamandra não era a sua aggressividade, apenas seu possivel contacto com os alimentos e a agua.

Quando subia a uma fruteira ficavam todos os frutos tão venenosos como se fossem alguma quintessencia cyanhydrica.

Cahisse o demonio do bichinho num poço! quantos da agua ali existente bebessem estariam irremissivelmente perdidos.

Em compensação que benemerita a calandra para a nossa pobre especie sapiente! Esta ave branca se acaso deitasse os olhos a um enfermo aspirava-lhe a molestia, indo depois voar nas altas espheras igneas celestes onde expirava os maus principios que ali se consumiam.

Das leoas gravemente contava o nosso illustre geographo que invariaveis lhes eram decrescentes as ninhadas, cinco, quatro, tres, dois cachorrinhos e afinal um. Ahi se lhe estancava para sempre a fecundidade.

O camaleão que lembrava o lagarto, vivia de ar e não tinha sangue senão no coração. Terrivel inimigo contava na ave Coraz que o matava e comia, mas em molho de louro, porque senão morreria envenenada.

Tinha a hyena nos olhos a mais preciosa das pedras. Posta sob a lingua de quem quer que fosse communicaria a virtude divinatoria a seu portador.

A luberna, especie de lobo cerval, dispunha de tal acuidade de visão que percebia as coisas atravez das paredes e dos montes.

O lucrota abundante na India era o mais rapido de todos os animaes. Do tamanho de um asno, apresentava pernas de leão, trazeiro de veado, cabeça equina, pés de boi e dentes inteiriços.

A paranda grande, quadrupede ethiope, era o camaleão dos mammiferos; do tamanho de um boi e chifrudo como um veado, mudava a côr do pello conforme o matiz do ambiente.

A panthera, esta nunca podia ser senão primipara porque a primeira cria a deixava infecunda, rasgando-lhe o utero.

Não conhecia o nosso bom naturalista a formula relativa ás series decrescentes de razão dois, reguladora do decrescimo da raça pantherica submettida a tal contingencia anniquiladora de sua especie malthusiana.

Bastam-nos estes exemplos, revestidos de tamanha autoridade, como a de que gozava mestre Brunetto para que possamos ter noção das idéas dos conquistadores sobre a fauna das regiões mysteriosas, onde todos os dias esperavam, de homens e de feras, os *lendemains épiques* do poeta dos *Tropheus*.

III

Mythos zoologicos dos conquistadores da America. O relato de Pigafetta. Autores de varias nacionalidades. Os primeiros depoimentos sobre a fauna americana.

Para o Novo Mundo, «ebrios de um sonho heroico e brutal», partiam pois as levas dos conquistadores.

Da Europa medieval proseguia o desvairamento pelas velhas terras fantasticas, maravilhosas, desde muito suspeitadas, de Ophir e de Golconda os mirificos reinos de Catay e senhorios do Prestes João das Indias.

Concretizavam-se os devaneios seculares relativos a estas regiões onde os pactolos reservavam, aos audazes, riquezas desvairadoras das arroubadissimas imaginações. E onde viviam homens que não tinham humano aspecto e animaes das mais extravagantes formas.

A immensidão pelagica já agora menos ignota graças á epopéa da gente lusa e ao genio de Colombo, em cuja esteira os hespanhoes se precipitavam açodados, a vastidão dos oceanos continuava a encerrar o Mar da Noite povoado de monstros de toda a especie.

Ali se constituira o refugio não só das sereias e dos tritões, de todos os velhos abantesmas da primitiva civilização mediterranea, como dos Krakens dos nautas nordicos. E toda aquella fauna de immensura-

veis dimensões era a dos cephalopodos colossaes, facilmente abarcadores dos mais altos galeões, nos infindaveis tentaculos. A dos cetaceos formidaveis, deglutidores possiveis do immenso salvador do propheta Jonas, nas aguas mysteriosas e obscuras daquelle mar infindo proliferava vivaz.

Assim á proa das naus, nos quartos de prima e de modorra, infindamente conversavam os aventureiros sobre as visões maravilhosas que os esperavam.

As rudes cartas de marear e os portulanos que lhes norteavam a navegação incerta, incertissima, naquelles annos em que nem se conhecia ainda a existencia da declinação magnetica inculcavam-lhes a probabilidade do encontro, a todo momento, das mais estranhas e agigantadas formas botanicas e zoologicas componentes de uma teratologia estupefaciente.

Kilometricos sargaços de movimentos voluntarios e homicidas, colossaes alimarias de infinda potencia destruidora e insaciavel ferocidade.

Em versos magnificos descreveu-nos Gofredo Telles em *O mar da noite* o anceio da maruja de Colombo pelo contacto das maravilhas, escaldantes da imaginação e promettidas pelas aguas e pelas terras.

A's vesperas da Descoberta invadem, mais do que nunca, a decepção e o desalento a alma dos nautas:

O mar mentiu! o mar... tanto nos promettia!
...mentiu desde o primeiro dia!
...Onde estão as gemmas entrevistas
Com raios de rubis, lyncurios e amethistas?
E as fragas d'oiro, as maretas de prata,
E os gryphos? E os tritões? E a phenix? E essa matta?
Que devendo abrigar mil esphinges felizes
Era toda coral desde a copa ás raizes.

De outro genero eram as esperanças dos homens d'armas desabusados pela intermina espera.

E a guerra! Eu vim sedento d'ameaças
Jogar meu desafio ás sanhas doutras raças...
A' grey dos pygmeus, o imperio dos gigantes...

Assim, nos relatos dos primeiros desvendadores dos segredos da America virgem encontramos a cada passo, as demonstrações desta espectativa sempre aguçada dos europeus pelos encontros das formas monstruosas de uma fauna e de uma anthropologia novas.

Vejamos o que deste conjunto de abusões desvanecidas provém do exame de antigo material livresco.

Quaes os autores correntes no tempo das grandes viagens de descoberta americana, propagadores das noções fantasiosas relativas á zoologia?

E' o que nos elucida a consulta á optima bibliographia annexa ao *Monde enchanté* de Ferdinand Denis.

Assim citemos entre os mais conhecidos: *De la figure et imaige du monde* por João de Beauveau, bispo de Angers (1479) a *Lumen animae* de Mathias Farinator (1477) livro de enorme autoridade varias vezes reimpresso.

Nelle occorrem muitas descripções ineditas de animaes notaveis como o *nisus*, o *cacus*, o *galander*, o *leontophonus*, o *orasius* «o mais bello animal da Criação», etc.

Quanto á *La Sfera* de Goro di Stagio Dati diz o erudito francez que apesar de seu prestigio não é das cousas mais recommendaveis.

Quando os portuguezes ensinaram aos demais filhos do Occidente o que eram os mares nunca dantes navegados e prepararam o dominio do Universo pelos homens de raça branca, subitamente se desvaneceram as barreiras do mundo antigo no limiar da era estupenda das navegações e das conquistas.

Avidamente puzeram-se os europeus a ler os re-

latos maravilhosos que lhes vinham chegando das terras viciosas de Africa, Asia e America.

Imagine-se o assombro causado pela divulgação das noticias do primeiro circuito circumnavigatorio universal atravez das paginas desse intelligentissimo espirito aventureiro de infatigavel curioso o do cavalheiro Antonio Pigafetta o chronista da expedição de Fernão de Magalhães, o primeiro vocabularista dos brasis.

Quanta cousa espantosa em materia de visões novas ethnographicas, faunisticas, botanicas, quanta narrativa maravilhosa dos espantosos soffrimentos causados pela navegação, ao leo, sem norte certo, atravez das aguas immensas e ignotas!

Cousa terrivel o que em poucas linhas synthetisa do soffrimento da gente de Magalhães ao descrever os primeiros mezes da travessia oceanica do Pacifico.

«Durante tres mezes e vinte dias navegamos sem levar á boca uma parcella de comida fresca. A bolacha que ingeriamos já nem era mais pão e sim uma especie de poeira misturada de vermes e além de tudo insupportavelmente fedorenta porque se achava impregnada de urina de rato. A agua que nos viamos obrigados a beber era igualmente putrida e fetida. Vimo-nos até forçados, para não morrermos de fome, a engulir os pedaços do couro de boi que cobriam a verga grande para impedir que o attricto da madeira esgarçasse os cabos».

Dos contactos de Pigafetta com as faunas exoticas procedem alguns casos que se prendem á zoologia fantastica como os que se referem a certas especies de aves atlanticas.

Uma dellas, conta-nos, se caracterisava pelo facto de realisar a incubação de seus ovos no dorso dos machos sobre o qual pousava a femea no meio do mar, semanas a fio.

Outra ave do Atlantico Sul, curiosa, vinha a ser

o stercorario que perseguia os demais passaros, pertinazmente, até que o perseguido exonerasse o intestino das substancias de que se nutria, exclusivamente, o perseguidor.

Mas era Pigafetta intelligente demais para acreditar em todas as patranhas e fabulas que ouviu relatar pelos povos a quem visitou. Assim para descarregar a responsabilidade allude sempre ás fontes informativas.

E' a invocar taes informantes que nos fala de certo rapineiro do Pacifico verdadeiro terror das baleias. Ficava a pairar sobre o cetaceo e mal commettia este a imprudencia de escancarar a immensa guela precipitava-se dos ares com immensa velocidade e desviscerando o pobre e immenso bicho voltava logo depois trazendo-lhe ás garras o coração de que se mostrava immensamente guloso.

Ás vezes revela-se Pigafetta algo sceptico como no caso da *garuda*, a enorme ave capaz de suspender aos ares um bufalo, e até mesmo um elephante, que ia devorar em cima de uma arvore, necessariamente colossal.

A viagem circumnavegatoria de Fernão de Magalhães novas maravilhas viria pois revelar á Sciencia. Encontrara a phenix uma rival! Já estaria aliás avelhantada a avesinha! Apenas doze mil annos concediam os mais graves autores a quem no dizer de São Clementino, o alexandrita, era o vivo symbolo da resurreição de Christo.

Surgiu aos olhos da Europa abysmada a maravilhosa ave do Paraiso, o estupendo passaro que se alimentava de raios solares e orvalho.

Aos francezes assombrados relatava Belleforest o que lhe ensinara a grande autoridade do doutissimo Conradus Peutigerus sobre este «*oiseau tant monstrueux et esmerveiable*».

Grandes, enormes prodigios da madre Natura en-

cerrava este bichinho espantoso, sem pés, verificando-se então quanto Aristoteles errara ao affirmar que não existia ave alguma ápoda.

Voava, voava, voava, este passaro a *apis indica,* continuamente, em *perpetuum mobile.* Raramente pousava em algum ramo de que se dependurava, por instantes, pelas pennas.

Aos seus amores não polluiam os contactos terrestres. A incubação de seus ovos fazia-se em suave ninho de plumas que a femea trazia sob uma das azas.

Alimentando-se de sol e de sereno para que precisava o admiravel passaro baixar á terra? Continuava pois a voar, até os ultimos alentos da vida.

Cousa curiosa! Pelo facto de haver afirmado que as aves do paraiso tinham pés, o que contrariava as noções correntes no seu tempo, passou Pigafetta por grande mentiroso, muito mais do que por causa de tudo quanto andou relatando de maravilhoso!

Continuaram porém a imprimir-se os tratados sobre a velha ave immortal. Assim é de Pariz e de 1550 a *Historia e descripção da Phenix,* obra de Guy de Lagarde que não brilha pela originalidade.

Nella se compendiam as velhas abusões seculares archi conhecidas e não occorrem novidades ao que parece, o que não é o caso da *Divina Comedia,* por exemplo, em que o Florentino nos ministra tanta cousa extraordinaria.

Não é elle quem nos ensina o que a phenix come? E apenas incenso e *amonium?* Quando muito debica as sementes do freixo, pormenoriza o *Speculum naturale.*

Por volta de 1557 surgia em Basiléa o calhamaço infolio de Conrado Wolfhart que consoante o costume do tempo, se pseudonymou eruditamente em Conradus Lycosthenes.

Teve o seu *Prodigiorum ac ostentorum chronicon,* notavel aceitação na Europa douta de seu tempo.

Representa um typo curioso de compendiamento das abusões existentes no Occidente em meiados da era quinhentista.

Nas suas numerosas pranchas xylographicas surgem-nos, em barda, os animaes fantasticos e os reaes. Assim, por exemplo, o rhinoceronte que estarreceu os romanos, levado a Leão X por Tristão da Cunha, na famosa embaixada, enviada, a saudar o Chefe da Christandade, pelo Rei Venturoso.

Um pouco antes do nosso suisso, em 1555, não publicara o grande Olaf, Olaus Magnus, a sua famosa *Historia de gentibus septentrionalibus?* onde revelava á gente incredula do Sul a existencia do Kraken, a immensissima serpente marinha? tão digna de credito quanto os draos, os nix, os mermaids e as sereias que, segundo os calculos de graves autores, podiam attingir provecta idade, a bagatela de 291.600 annos?!

Por esse tempo immensa, intangivel, era a autoridade da *Sphaera mundi* de John of Holywood, latinizado para Johannes a Sacrobosco cujas obras, só no seculo XVI contaram vinte e quatro edições. Astronomo, naturalista e astrologo foi muito apreciado pelos autores portuguezes sebastianistas e um dos escriptores de maior influencia sobre as crendices de sua era.

Os primeiros depoimentos sobre a fauna americana são os de Oviedo que, em 1526, publicou a celebre *Historia General y natural de las Indias Occidentales.*

Francisco Hernandez o archiatra de Philippe II percorreu o Mexico em estudos sobre a fauna e o reino mineral; escreveu a conhecida *Historiae animalium et mineralium* (1615). Nella como na obra do jesuita João Eusebio Nieremberg, *Historiae naturae maxime peregrinae* (1635), abundam as informações sobre a zoologia fantastica americana mas sem re-

lação ao Brasil, embora em taes tratados occorram descripções de animaes que tambem são nossos, como o gambá, o ouriço, a cascavel, etc., etc.

Na America começaram os conquistadores a procurar encarniçadamente o unicorneo cujos chifres tão admiraveis propriedades possuiam. Se pelas vizinhanças de 1580 ainda se occupava em commentar as virtudes do famoso corno um grande espirito como o de Ambrosio Paré!

Referindo que no thesouro da coroa de França existia um cornimboque de unicorneo, considerado tão precioso, que o guardavam em Saint Denis, com o melhor das joias reaes dizia o pae da cirurgia moderna que Carlos IX nunca bebia vinho sem que em sua taça deixasse de mergulhar o unicorneo. Assim se neutralizaria possivel toxico ali posto naquelle tempo terrivel da *acqua tofana* e dos *gants de senteur*.

Perguntou Paré a Chapelain, primeiro medico real do penultimo Valois — «lequel en son vivant estoit grandement estimé entre les gens doctes» — se acreditava em tal virtude. «Un jour luy parlant un grand abus qui se commettoit en usant de la corne de licorne le priay, veu l'authorité qu'il avoit à l'endroit de la personne du roy notre maistre, pour son grand savoir et experience, d'en vouloir oster l'usage et principalement d'abolir ceste coutume qu'on avoit de laisser tremper un morceau de corne de licorne dans la coupe ou le roy beuvait, craignant le poison».

Retrucou o douto Chapelain dizendo-lhe que a tal respeito nada sabia sobre as virtudes do maravilhoso chifre. Mas como pessoa prudente, conhecedora dos homens, deixava que se continuasse a pratica que, a seu ver, se não fazia bem nenhum mal tambem poderia causar.

Bem sabia quanto lhe era inutil combater tão inveterada crença «il voyoit l'opinion qu'on avoit d'icelle estre tant inveterée et enracinée au cerveau des

princes et du peuple, qu'ores qu'il l'eust volontiers ostee, il croyoit bien que par raison n'en pouvoir estre maistre».

Havia gente e da maior situação social que comprava o unicorneo a peso de ouro.

Pediu Paré que ao menos escrevesse o medico regio as suas opiniões scepticas e este lhe disse que só o faria posthumamente. Não queria saber de contradictas nem fazer de mocho apparecido em pleno dia a provocar a aggressão de todas as demais aves. Mas nunca cumpriu o douto Chapelain o promettido e isto levou Paré a levantar a questão nos seus escriptos offerecidos á meditação dos sabios.

E fazia bem em ventilar tal assumpto o homem piedoso e famoso do *je le soignay et Dieu le guarit* muito embora incorporasse ás paginas de seus tratados uma serie de animaes monstruosos e fantasticos de cuja existencia não admittia duvida como o *saccarath*, o *huspalim*, o *thamaeth*, o peixe *orobon* e quejandas abantesmas.

Chronistas e historiadores do Novo Mundo, nos primeiros seculos, a cada momento revelam quanto se deixaram influenciar pela leitura ou as reminiscencias dos textos dos antigos autores dos *Bestiarios* medievaes.

A' medida que os annos se passam decresce naturalmente a massa de informes maravilhosos. Mas assim mesmo quanta coisa estrambotica nos é apontada como a expressão da mais pura verdade em materia de factos zoologicos, por escriptores já do seculo XVII?

Dentre os mais velhos e conhecidos autores que trataram da America figura Antonio de Herrera y Tordesillas, nascido em Cuellar de Segovia em 1559 e fallecido na capital hespanhola em 1625.

Secretario de Vespasiano de Gonzaga, Vice-Rei de Napoles, viveu algum tempo na Italia. Voltando á

patria viu-se nomeado por Philippe II historiographo de Castella e Indias, cargo que exerceu vitaliciamente sob os dois Philippes seguintes. «Coronista mayor de Su Majestad de las Yndias, y coronista de Castilla y Leon», era o seu titulo official.

Em 1601 publicou a *Historia general de los hechos de los castellanos en las islas y Tierra Firme del Mar Océano*, obra que logrou enorme repercussão hespanhola e extra hespanhola. Traduziram-na para o francez e Barlaeus, cujo nome se prende indissoluvelmente ao Brasil, como todos sabem, principiou a sua versão para o latim, o que não concluiu aliás.

O interesse da obra reside na abundancia dos informes historicos de que pôde Herrera lançar mão, o que, graças á sua posição official, não succedia aos seus confrades.

Dizem os criticos que quasi sempre procedeu com grande tino e discreção, apesar da pressa com que teve de trabalhar.

Accusam-no de haver enaltecido de mais os feitos castelhanos com injustiça manifesta para os seus adversarios, o que aliás sempre se mostra contraproducente. *À vaincre sans péril...*

«Aun cuando el estilo es, en general, difuso y la composición defetuosa, los trabajos de Herrera y Tordesillas son recomendables por su exactitud, pues casi siempre narra sucesos ocurridos en su epoca», diz um critico abalisado. A Academia Hespanhola collocou-lhe o nome no seu *Catalogo de las Autoridades de la Lengua.*

Na parte que nos interessa verificamos que Herrera revelou grande facilidade em aceitar uma serie de historias fantasiosas sobre a ethnographia, a fauna e a flora americanas. Com um pouco mais de exame a muitas destas informações teria refugado tão inverosimeis se lhe apresentavam. Da edição franceza possuimos bello e valioso exemplar, principesca da-

diva de Felix Pacheco, e o Museu Paulista a esplendida reedição hespanhola de 1720, offerta do Dr. Alberto Penteado, de envolta com grande copia de livros e manuscriptos antigos, constante do mais valioso presente, realizado ha pouco por este esclarecido bibliophilo paulista e sabedor de nossas coisas.

Vejamos algo do que disse o illustre historiographo dos Philippes sobre a fauna do Novo Mundo. Em suas palavras encontraremos muito reflexo dos velhos *bestiarios*, embora já com muito menor credulidade do que estes autores de antanho.

Como era a America desfavorecida, exclama o bom Herrera! «En el otro emisferio no havia perros, asnos, ovejas, cabras, puercos, gatos, caballos, mulos, camellos ni elefantes».

Tão pobre a fauna de quadrupedes que por exemplo, na Hispaniola só se conhecia a Utia. Tambem em compensação ali não existia «cosa que hiciese mal a nadie».

Apossando-se do Mexico, assombrados viram Cortez, e seus terriveis companheiros, um espectaculo que a Europa lhes não poderia offerecer, onde quer que fosse: o immenso e riquissimo jardim zoologico de Montezuma, unico de seu tempo no Universo.

Ali os felinos, os rapineiros, os saurios, os peixes, viviam da carne dos milhares de victimas humanas annualmente immoladas naquelle horrivel altar pyramidal de Vitziloputchili que exactamente se localizava em frente á entrada do magnifico parque do imperador mexicano.

Descreve-nos o bom Herrera as opulencias daquelle jardim belluario que aos primeiros hespanhoes encheu de verdadeiro estarrecimento. Quanta forma zoologica nova e estrambotica de uma fauna insuspeitada e tão diversa da européa!

Verdade é que contemporaneamente viviam os mexicanos absolutamente estupefactos a contemplar

os cavallos dos conquistadores, animaes para elles espantosos.

E' bem conhecido o caso de um dos corceis de batalha de Fernão Cortez que o invasor deixara entregue á guarda dos habitantes de uma cidade do Yucatan.

Puzeram-se os seus guardas a adoral-o e trataram de o alimentar como a um dos seus deuses, apresentando-lhe veados deliciosamente preparados e cobertos de flores.

Não tardaria o pobre bicho em morrer victima do excesso das honrarias, como nos relata o gravibundo Diego Lopez Coculludo em sua *Historia de Yucatan.*

Descrevendo os museus e o jardim zoologico de Montezuma, conta-nos o cosmographo que formavam um conjunto de estabelecimentos maravilhosos.

Nelles se expunha, por exemplo, uma collecção de albinos, outra de anões, uma terceira de monstros humanos «corcovados, quebrados, contrahechos y monstruosos». Muitos delles fabricados de accordo com o criterio de que ao palacio de um grande monarcha como o mexicano «para grandeça suya havia de haver cosas que no se hallasen en las casas de otros Principes».

Interessantissima a *menagerie* do Imperador: com os seus leões e tigres, ursos, onças, lobos: symbolisavam o poderio do Gran Señor Moteçuma, «que era tan poderoso que aun las fieras i los fieros animales tenia rendidos e encarcelados en su casa».

Verdadeira maravilha a «casa das aves».

Só para o sustento dos rapineiros diariamente se matavam quinhentos gallos! Certa aguia taes dimensões tinha que só ella exigia o sacrificio diario de um carneiro! E só fazia uma refeição!

Que filhote seria este bicho, nascido provavelmente da famosa *ave-roca?*

Curioso pormenor é o que se refere ao serpen-

tario do soberano do Mexico. Nelle viviam «espantosas serpientes aunque no podian los castellanos oir de buena gana los espantosos silvos de ellas».

Alimentavam-se do sangue das victimas dos sacrificios humanos realizados nos templos da capital mexicana «la qual (sc. la sangre) chupaban i lambian i por esto se criaban de espantosa grandeça».

Continuando o relato das singularidades americanas, conta-nos Herrera que no Darien quando o illustre Vasco Nuñez de Balboa fez a sua infeliz entrada pelo rio de São João encontrou um animal mixto de elephante, boi e cavallo. Vê-se pelo contexto da descripção que se trata da anta a que qualifica de monstruosa alimaria. Outro bicho interessante ali occorria, cuja cabeça pesava tanto quanto o resto do corpo.

No Cumamá era certa a existencia de mysterioso animal. Ninguem jámais o vira de dia. Os indios delle tremiam de modo espantoso. Era no emtanto pequeno, nunca maior que um galgo. Estarrecia, petrificava os homens a quem então abatia. Crudelissimo e tão astucioso quanto feroz, delle diz o geographo:

«Llora como niño para engañar la gente i en saliendo alguno a ver quien llora se lo come.»

Os indios só se atrevian a andar á noite munidos de archotes por causa da tal fera. Qual seria?

Qual tambem o quadrupede do Rio do Prado, cuja boca se rasgava tão pouco que só podia ingerir uma formiga de cada vez, embora fosse elle do tamanho de um cabrito criado! onde haverá hoje vestigios de tal myrmecophagideo?

No Yucatan sabia-se da existencia de uma serpe alada de olhos de fogo. Era «como culebra, tenia los pies como de um palmo i era larga como um caballo».

De certa turma de indios que se encontrara com semelhante abantesma morrera um individuo de terror só ao ouvir os horrendos silvos do monstro.

Do modo do tatú se alimentar, conta-nos Herre-

ra bem interessantes coisas depois de declarar que a sua carne não pode ser saudavel porque é bicho que vive do lodo «hormigas i otras cosas tales».

«En sola la barriga que es sola la parte desarmada hace una laguna con su propria orina, i de la cola hace un arco i mete la punta en la boca.»

Assim apanhava o *armadillo* os toleirões dos hymenopteros. «Viendo le las hormigas, acuden a ofender la parte mas flaca, que es la barriga, i como la hallan con la orina, se van a ofenderle a la boca i se las traga i en haviendo comido lo que le basta se sacude i camiña».

Falando — dos prodigios americanos conta-nos o bom Herrera coisas engraçadas: assim, na provincia mexicana de Chiapas viviam «unos animales como Monos grandes; tienen la cola mui larga, son pintados como tigres, andan siempre debaixo del Agua que nunca los ven encima; I recobriendo las colas á las piernas de los Indios, que pasan, los ahogan; algunos, como son grandes nadadores, se han soltado, hiriendolos en las colas con Hachas ó Machetes que traen de ordinario: han ahogado algunos caballos é no comen lo que matan. No se halla este animal en otra parte, ni se ha oido decir que le haia».

Na provincia de Tepeca, mexicana, occorria o seguinte espantoso facto: visivelmente filho da *Imago mundi* e quejandos ripanços medievaes: «Hay unos pajaros del tamaño de mariposas, con el pico largo, de pluma mui pintada, i mui estimada para labores. Quando cesan las lluvias i viene la seca se pegan en los arboles por el pico i se quedan alli muertos i el ano siguiente con las nuevas lluvias reviven».

Eram a phenix em miniatura da Nova Hespanha, aliás occurrente, tambem no Brasil, no dizer do illustre Provincial Simão de Vasconcellos.

Em Honduras havia pelas mattas enorme quan-

tidade de leões, e tigres immensos. Mas toda esta fauna procedia de origem humana! Terra de innumeros e formidaveis feiticeiros tal canalha de bruxos convertia-se em feras «Andaban por los Montes matando gente hasta que los tomaban y ahorcaban».

Reinava tremendo diabolismo aliás, nas regiões hondurenhas. Certo dia fora um aguazil a uma aldeia de indios recolher impostos. Sahiu-lhe ao encontro uma india que com elle altercou, atirando-lhe então um punhado de ervas: pois o pobre do galfarro cobriu-se quasi instantaneamente de pavorosa lepra! «que era lastima de verle».

Recorreu a um sacerdote grande exorcista que, conhecendo os processos de tratamento de semelhante canalha de feiticeiros, começou por applicar tremenda sova á bruxa ordenando-lhe que curasse a sua victima. Prometteu-lhe a megera que o faria mas apenas se viu livre fugiu para o matto, onde dominada pela força do exorcismo mas a tudo preferindo não deixar o serviço do Demonio, enforcou-se!

Em Tlascala, por occasião de um terremoto, as aguas de grande laguna agitaram-se sem vento algum como se estivessem submettidas a terrivel temporal. Da profundeza de seus reconditos surgiram prodigios. «Muchas veces se aparecian dos hombres unidos en un cuerpo, y otras veces se vian cuerpos con dos cabeças».

Quando Cortez estava na imminencia de destruir o imperio mexicano appareceu na Laguna perto da capital de Montezuma uma ave fantastica, «pajaro el qual tenia sobre la cabeça una cosa, donde vio el Rei que se parecian los cielos, y las Estrellas. Y bolviendo los ojos al cielo y no viendo Estrellas quedó admirado y tornando a mirar vió gente de guerra en el cielo peleando y matando!»

Mandou chamar sacerdotes que lhe explicassem tão espantoso prodigio mas quando chegaram estes

doutos personagens inexplicavelmente desapparecera a maravilhosa ave!

Em Urabá morcegos immensos pavorosos havia cujo sangue tão toxico era que delle se serviam os indios para envenenarem as settas.

Em varios pontos da America occorriam aliás alguns destes cheiropteros tão grandes que attingiam as dimensões de um ganso dos bem fornidos de carnes. Tremiam os pobres filhos das selvas com a idéa do encontro destes immensos vampiros que ainda por mal de peccados dos nossos desprotegidos semelhantes viviam aos bandos e eram sobremodo aggressivos.

E' que com certeza não conheciam mais delicioso nectar do que o sangue humano.

Facto interessante e que nos toca de perto: as sereias reviveram, na America, depois sobretudo das narrativas das explorações amazonicas. E ao que parece o causador de tal reviviscencia foi o bojudo, pesadão, desgracioso e horrendo de cara, peixe boi, o pacifico e tão perseguido *manatus!*

Quando, nos valles do Chile, os conquistadores encontraram, quasi á flor da terra, as ossadas immensas dos mastodontes produziu-se a eclosão de nova fauna teratologica. Creu a Hespanha que taes esqueletos provinham dos gigantes de antanho.

Nada impossivel era que, de repente, até se descobrisse algum osso ou pelo menos algum ossinho, alguma phalangeta, por exemplo, de Og o rei de Basan, cujo femur tinha doze leguas de comprimento!

E os valles patagonicos, terminados nas sombrias e immensas cumiadas andinas, ficaram sendo o *habitat* do enormissimo bicharoco solitario acerca do qual ha copiosissima literatura até quasi os nossos annos. Era o simile meridional da besta immensa das regiões do continente americano septentrional, de que

outrora houvera enormes rebanhos cujas passadas esmagavam as florestas, os homens e os demais animaes.

Quando o colossal quadrupede ia assenhorear-se de toda a Terra, resolvera o Grande Espirito, indignado de tanta ferocidade, anniquilar tão damninha raça. E o fizera por intermedio do raio.

Escapara um dos monstros ao exterminio de sua especie e era elle que vagava nas solidões geladas além das nascentes mysteriosas do Monangahela.

Nos commentarios do nosso famoso adelantado Alvar Nuñez Cabeza de Vaca ha coisa semelhante, embora em muito menor escala, quando refere o assombro causado aos guaranys, vivendo em territorio nosso, hoje paranaense, pela vista de cavallos e cavalleiros. Transmittidas para a Europa as noticias destes primeiros encontros dos conquistadores com a fauna americana soffreram ellas ampliações notaveis e deturpações de todo o genero nascidas da imaginativa descabellada e do espirito interesseiro dos que as propalavam.

Continuavam os viajantes a espalhar mistiforios sobre mistiforios a proposito da zoologia fantastica americana e extra americana.

E o publico ia aceitando as singularidades no genero das que propagava João Mocquet em 1608. Era este zoologo o conservador das Tulherias: «garde des singularitez du roy», como no tempo se dizia.

Celebrisara-se pelas viagens ao Oriente, já antes de Pyrard de Laval.

Diante de Goa avistou-se com um dos maiores prodigios ornithologicos do Universo.

Um dos marinheiros do navio em que viajava, mostrou-lhe tal phenomeno.

Era do tamanho de um pintarroxo apenas. Nunca ninguem o vira em terra, ou pousado em alguma pedra. Quando cansado deixava-se fluctuar a mercê das ondas.

Perguntou-lhe o naturalista como se podia pois fazer a incubação dos ovos do estranho passarinho.

Explicou-lhe o marujo que muito simplesmente: Quando estava para pôr subia a pintarroxa a enormes alturas e deixava cahir os seus ovos.

Estes eram levissimos e vinham descendo, lentamente, como se fossem algum paraquedas. O sol dos tropicos sobre elles actuava, de modo tão perfeito que quando tocava a superficie das vagas partia-se-lhes a casca fragilima e de dentro daquelle envolucro chocado pelo Astro Rei pulava, sorridente, o vibratil bichinho alado.

Quasi contemporaneo de Mocquet é o nosso Thevet, o bom franciscano, que tanto escreveu sobre o Brasil e suas *Singularitez de la France Antarctique*, o credulo cosmographo de quem muito zombou o indesarmavel Rabelais.

Ao mesmo tempo que descrevia os animaes brasileiros, largamente discorria sobre a phenix e o unicorneo.

E Vicente Le Blanc, o marselhez, que tanto peregrinou pelo Novo Mundo, ensinava aos europeus varias maravilhas americanas, como, por exemplo, sobre a *garôe*, a arvore prodigiosa.

« Suas folhas distillavam agua continuamente e a arvore estava sempre circumdada por pequena nuvem, entre cinzenta e branca, que nunca diminuia, houvesse o tempo que houvesse, tempestade ou vento.

Dali provinha toda aquella agua que a arvore fornecia e, em tal abundancia, que suppria os homens e seus animaes domesticos. Certas ilhas, como a do Ferro, seriam fatalmente desertas sem este milagroso e benemerito vegetal que tornava taes terras muito populosas e ferteis.

Muitas das crendices portuguezas, que de perto nos tocam, tiveram compendiamento celebre, em fins da Idade Media nas *Sete Partidas do Infante D. Pe-*

dro. E depois, na Idade Moderna, nas conhecidissimas *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto, em que o celebre filho de Montemór, o velho, dá conta de muytas e muy estranhas cousas que vio no reyno da China, no da Tartaria e em muytos reynos das partes orientaes».

Foi o peregrinador duramente maltratado pelo mais illustre dos censores que em sua época poderia ter angariado, nada menos do que William Shakespeare! A um de seus personagens fez dizer: «mentiroso como Mendes Pinto».

Infelizmente não se perdeu o nosso Fernão pelas terras occidentaes nem jámais visitou as praias de Santa Cruz, pouco sabidas, como o seu contemporaneo Pero de Magalhães Gandavo.

IV

As lendas eldoradianas. Fabulas geographicas.

Ao mesmo tempo que Colombo suspeitava da existencia possivel dos locaes do Eden nas cabeceiras do Orenoco os desbravadores de terras mais praticamente começaram a prestar credito ás noticias da existencia do famoso, do famosissimo *El Dorado*.

Affirma Fray Pedro Simon que este nome adoptou-o o Tenente General Sebastião de Belalcazar quando explorara a provincia de Quito.

E' bem sabido o que obrou Gonçalo Pizarro para descobrir a mythica região numa jornada espantosa, de resistencia e ferocidade, de onde procederia a viagem de Orellana e a criação de nova lenda americana ou antes de nova adaptação lendaria, a das Amazonas.

Onde se localisaria o famoso reino regido pelo monarcha dourado? Diz Ferdinand Denis que a principio, no seculo XVI, se acreditou existisse na bacia do Paraná. Mais tarde, porém, viu-se, por consenso unanime dos cosmographos, deslocado para o norte da nossa America e afinal definitivamente fixado na bacia amazonica, ao norte do Rio Mar.

Foi nas terras regadas pelo immenso caudal, mais ou menos pelas alturas em que Colombo imaginara dever ter sido o Paraiso Terreal, que se imaginou existir a cidade maravilhosa de Manôa, sita ás margens do lago de Parima.

Quem muito lhes falava de tal maravilha eram os proprios indios. Observa Humboldt que entraria ahi muita malicia, pois os selvicolas apreciavam engazopar os seus dominadores.

Esqueceram-se os europeus de seu antiquissimo Cipangu agora trocado por Manôa, sobretudo depois da divulgação, avidamente lida, das noticias de Belalcazar e Juan Martinez.

Do intrepido Walter Raleigh se sabe quanto obcecado pela miragem eldoradiana improficuamente explorou o littoral da Guyana á procura da cidade maravilhosa, pavimentada de laminas de ouro.

Curioso é que nas mais antigas cartas sul-americanas não se preoccuparam em geral os geographos em localizar o famoso lago eldoradiano. Só no seculo XVII é que se formou a convicção de que o Parima era tributario do systema amazonico.

A Philippe de Hutten, ou de Hutter, o aventureiro germanico de nome latinizado para Utra e Dutra, pelos castelhanos e portuguezes, se deveu em grande parte a grande voga de tal patranha.

Quem ignora quanto foram as fabulas contadas pelos indios a causa de numerosas expedições? Assim se deu com a famosa jornada de Pedro de Orsúa. Outros El Dorados e varios inventou-os a imaginação dos conquistadores: o de Quivira, com o seu rei barbudo, Tatarrax lá pela California. Quiz Vasquez de Coronado descobrir novo Prestes João em Cibola, a 400 leguas ao norte do Mexico.

No littoral mexicano encontraram-se certa vez uns destroços nauticos que deviam forçosamente ser os dos navios do Cathay!

Tão tenazes as suggestões da *auri sacra fames* que os ultimos écos do El Dorado surgiram já em pleno seculo XIX e do modo mais pittoresco. Havendo Alexandre de Humboldt dado grande extensão ao seu relato sobre o lago de Guatavita onde se dizia

que haviam sido precipitados os thesouros do El Dorado, houve inglezes que formaram companhia para explorar o fundo da famosa poça.

E o fizeram mas naturalmente com os resultados de se esperar! Pois não é que, á vista de tal fracasso, tiveram a estupenda idéa de chamar aos tribunaes o grande sabio autor dos *Cosmos* inculpando-o de os haver atirado a semelhante empresa?

Pouco depois de se divulgar pela Europa o mytho eldoradiano, segunda fabula se espalhara não menos barulhentamente. Estivera Ponce de Leon, na Florida, a ponto de descobrir a fonte de Juventa.

Depois do ouro, vulgar como as areias das praias, a agua da vida eterna! Que terra espantosa este «nuevo mundo», que «por Castilla y por Leon» descobrira Colombo!

Outros mythos americanos se filiam ao El Dorado como, por exemplo, o do Imperio de Pataiti ou Welpiti, a «Ciudad encantada de los Cesares».

A procura da nossa Balbeck brasileira, a cidade em ruinas dos sertões bahianos a quantos cerebros não escaldaria até os nossos dias?

Em 1844 era o bom Conego Benigno J. de Carvalho e Cunha que a seu respeito entretinha gravibundamente a attenção do Instituto Historico Brasileiro para, no anno seguinte, pomposamente annunciar ao futuro Barão de Caçapava, presidente da sua provincia, que se achava em vesperas de notavel triumpho.

Eu me animo a affirmar a V. Ex. que a cidade está descoberta, affirmava peremptorio.

Tres annos havia que debalde palmilhara mil veredas do sertão em busca das suspiradas ruinas. Mas agora era certo: certissimo! Estava na imminencia de «*dar esta gostosa novidade aos sabios do Brasil e da Europa*» que sobre ella tinham os olhos fitos para

saberem de certo a existencia de um monumento de tamanha transcendencia.

Até hoje continuaria o bom do Conego a procurar tal monumento.

Fala-nos F. Denis de uma lenda por elle repetidamente ouvida no Brasil em principios do seculo XIX a respeito da existencia de uma região civilisada perdida nas selvas matogrossenses.

Os brasileiros de seu tempo chamavam-lhe: *as americanas*. Era mais um novo reino do Prestes João!

E seria a sobrevivencia desta crença, destituida de base, a determinante principal, em nossos dias, da infelicissima jornada do bravo Coronel Fawcett, cujas passadas até hoje debalde são procuradas no coração do nosso continente.

Na cartographia primeva quinhentista não vemos, no conjunto de uma toponymia confusa e barbara, como só podia ser o da America daquelle seculo, nada vemos o que lembre o El Dorado, como, por exemplo, nos poderiam indicar os mappas de autores de varias nações. Assim os de Diogo Ribeiro (1529), Nicolau Desliens (1543), Sebastião Caboto (1544), Pierre Descelliers (1546), Diogo Homem (1568), Fernão Vaz Dourado (1568 e 1580), Gerardo Mercator (1569), Cornelio de Jode (1594), etc., etc.

O ultimo destes cartographos, porém, em sua *Brasilia et Peruvia* (1593), inscreve a «Laguna del dorado» no interior do Brasil e á latitude da Bahia de Todos os Santos. E della faz promanar o «rio paragoá» affluente de «El grande rio de Paraná».

Tres annos mais tarde Arnoldo Florentino van Langeren reproduziu a indicação topographica de seu compatriota e collocou o proprio Paraná como desaguadouro de tal lago.

Com o seculo XVII affirma-se, entre os geographos, a convicção de que o El Dorado, com a sua

cidade de Manôa, á margem do grande lago de Parima, realmente existia na Amazonia brasileira.

Quem tal certeza trouxe foi Sir Walter Raleigh com as suas famosas jornadas á região guyanense. Como geralmente se sabe, esforçou-se o illustre valido de Isabel, e desvalido do primeiro Stuart, por tirar a limpo esta questão do El Dorado. E de suas tentativas, infelizes como só podiam ser, voltou com a certeza da existencia desta região que um dia seria attingida pelos exploradores. Ou, quiçá, para encobrir o vexame dos seus diversos desastres, tratou de o mascarar com o espalhamento de uma fabula.

Já no mappa de Jodocus Hondius (Josse Hond) em 1606, edição «princeps», encontramos o *Parime lacus* cortado pelo Equador e situado na *Guiana regnum auri et omnium animantium esse testatur Gualterus Raleg In eoq. multas esse civitates ad sabre constructas...*

Este mesmo Hondius attribue ao lago eldoradiano enormes dimensões, nada menos de duzentas leguas de comprido!

Dahi por diante é, por assim dizer, infallivel, que nos mappas sul-americanos se localize este *Parime lacus* com Manôa á sua margem. Assim se dá com as maiores autoridades como Joannes de Laet (1625), Blaeu (1631), Dudley (1646 e 1661), Sanson (1650, 1679), Pierre du Val (1664 e 1677). Explica Sanson aos seus consulentes que o nome Parime era dado ao grande lençol d'agua pelos Caribas, tendo elle nome diverso, Roponowini, attribuido por outros povos ribeirinhos.

Inscreve Pierre du Val o lago na «Guyana ou le royaume du roi doré».

Antes de apparecer o lago attribuiam os cartographos nomes adequados á região, lembrando a sua riqueza em materia do metal da *sacra fames*.

Paria del oro, Castilla del Oro, vel Aurea regio é

o que lemos em Giovanni Mazza (1582), Johann van Doet (1585), etc. Outras provincias amazonicas surgem-nos com nomes que não persistiram, limitrophes da *Castilla del Oro*. Vemos geralmente mencionadas a *Caribana* acima do Equador e a *Tisnada* abaixo, como, por exemplo, nos mappas celebres de Abrahão Ortellus (1587) e em muitos mais.

Um dos maiores nomes da velha cartographia americana é, como geralmente se sabe, o de Theodoro De Bry, cujo atlas se merca hoje por verdadeira fortuna. Nos mappas de sua *Collectiones peregrinationum in Indiam orientalem et occidentalem* se compendia a sciencia geographica de seu tempo.

Era prudente o famoso cartographo liegense. No seu mappa da America do Sul, em 1599, não ousa collocar positivamente o lago fabuloso. Contentou-se, na sua edição allemã, em referir-se a *Manoa oder Dorado* e ao *Grossen See Parime*, situado acima do Equador.

Na reedição de 1624 igual reserva fez.

Mas os demais cartographos regalaram-se em dar repasto á imaginação criadora de coisas fantasticas, tanto mais quanto sabem que taes coisas tornariam os seus mappas incomparavelmente mais vendaveis.

Assim é que os vemos cheios de figuras de homens e animaes fabulosos. Jodocus Hondius, ao lado dos leopardos e leões amazonicos, colloca o retrato dos *Iwaipanome*, terriveis indios acephalizados, cujo rosto, boca e nariz e olhos eram no thorax e os ouvidos naturalmente na região dorsal.

Outros geographos affirmam, além dos grandes felinos africanos, a occurrencia de ursos polares, da horrenda *simia vulpina*, mixto de macaco e raposa, o do *hay*, de catadura humana, bicharoco de immensos braços, que só vivia de ar.

E, ao mesmo tempo, novos elementos cartographicos apparecem. Assim aquelle «rio del Inferno, costa de gente plata», que se lança no grande lago onde se vê a Ilha de São Gil, santo cujo nome já é um chamariz para assumptos extraordinarios, entre portuguezes pelo menos, e muito da devoção dos sebastianistas.

Curioso é, porém, o seguinte facto: em 1688 publicava Coronelli, o celebre cosmographo-mór da Republica de Veneza, um mappa destinado a figurar nos seus globos famosos, monumentos geographicos de fins do seculo XVII.

Pois bem, com notavel argucia, aventou o illustre geographo da Republica Serenissima a hypothese de que El Dorado, Parima, Manôa, tudo isto, não passava de formidaveis patranhas.

Na região em que seus collegas lembravam a existencia da massa lacustre, inscrevia elle: «Qui la piu parte dei Geogr. pong. il lago di Parime e su la riva occid. la cittá di Manôa del Dorado quali alli escrivere di Mr. Villermont sono fabulosi».

Assim encampava o sabio franciscano as hesitações de obscuro informante, cujo nome não encontramos nos diccionarios encyclopedicos. A menos que o cosmographo veneziano não haja estropiado o nome de Villemont, o sabio padre, mathematico, astronomo e cosmographo. Delle se refere a celebre exclamação de enthusiasmo, fruto da leitura de uma peça poetica: E' bella como uma equação!

Facto extraordinario: ao passo que Coronelli, na Europa, em 1688, duvidava da existencia do El Dorado, um homem do mais alto valor mental, que vivia na Amazonia desde annos e annos, admittia, em 1691, a existencia do lago de Parima.

E facto ainda mais extraordinario: tal informante não era mais nem menos do que o justamente celebre Padre Samuel Fritz, o primeiro geographo di-

gno deste nome, que levantou o curso do Rio Mar e dos seus principaes affluentes!

Nas dezenas de annos em que este famoso evangelizador bohemio viveu na Amazonia, sobretudo entre a foz do Napo e do Rio Negro, a catechizar os omaguas e outras nações, occupou-se em levantar aquelle monumental mappa, cuja realização nos causa assombro pela valia de informes ineditos, obtidos, apesar da enorme carencia de elementos, por parte do geographo.

Do mappa deste jesuita illustre fazia o nosso grande Rio Branco o maior conceito. Reproduziu-o no seu magnifico Atlas relativo ao litigio do Amapá.

Nesta carta, que data de 1691, colloca Samuel Fritz, ao norte do Amazonas, na região consagrada pelos demais cosmographos, e sobre o Equador, o lago de Parima, dando-lhe, porém, como desaguadouro, um rio em cujo nome portuguez introduziu uma consequencia de vicio auditivo assás commum entre os homens de raça germanica.

Assim chamou Trompetas ao rio tambem appellidado Oriximina, obediente a uma tendencia paronymica em que incidiria innumeras vezes o grande Martius, e muitos mais pro-homens de sua raça, visitantes illustres do Brasil.

No seculo XVIII, mais desconfiados já, talvez por causa dos globos de Coronelli, manifestam os geographos da America do Sul as suas reservas sobre a existencia de toda aquella toponymia eldoradiana.

Assim, Guillaume de l'Isle, nos seus mappas celebres, de 1700 e 1703, escreveu: «Guiane proprement dite ou Dorade dans laquelle quelques uns mettent le lac Parime».

E Nicolas de Fer, em 1705, chega a affirmar «estes fundos de valle foram por alguns tido como lago».

Ao escrever o seu prodigioso *Candide*, entendeu Voltaire localizar o El Dorado, onde se perdeu o candido discipulo do Dr. Pangloss, não na Amazonia e sim no Paraguay.

E' que com certeza teve como informante accidental algum cartographo velho como Cornelis de Jode ou Arnold van Langeren.

Quanto ao outro grande lago fantastico brasileiro, o Vapabussú do Sul, vemol-o já citado por Jan van Doet, em 1585, e nas edições e reedições de Hulsius, de 1599 e 1663. Deste *Lacus Eupana* sahiam o Paraná, o Real, o São Francisco, o Rio Grande de São João, affluente do Maragnon.

Coronelli, documentado para o tempo, notavelmente, menciona uma serie de nomes de nossa chorographia pela primeira vez cartographados. E' delle tambem a nosso ver a primeira ou uma das primeiras pelo menos, allegações de existencia da lagôa Xarayes.

Em 1700 duvidava Guillaume de l'Isle, e muito, da existencia de tal Eupana...

V

Os primeiros relatos extensos sobre a fauna do Brasil. Palavras de Rodolpho Garcia. A carta de Pero Vaz de Caminha. Mestre João e sua carta. Palavras de Vespucio. A Gazeta do Brasil. Pigafetta. Cabeza de Vaca. Ulrico Schmidel e a sua Schue-eya-tuescha. Hans Staden.

«A flora e a fauna do Brasil tiveram como seus principaes exploradores Vespucci, Thevet e Lery, que no proprio seculo da conquista descreveram plantas e animaes, os exquisitos frutos dos tropicos e as aves vistosas das nossas florestas», diz o douto Rodolpho Garcia.

Vespucci em sua primeira carta a Soderini, publicada em 1503, refere-se ás multidões de papagaios multicores como das novidades que mais o maravilharam no Brasil.

Dos lagartos (iguana) que os indios assavam diz que não tinham azas e se assemelhavam ás cobras.

Seus pés eram grandes e grossos, armados de fortes garras, sua pelle de cor variada, seu pescoço e cabeça de verdadeira serpente.

Seu nome indigena quem o revelou á Europa foi Pedro Martyr nas *Decadas*. Lery descreveu as araras e os macacos. Thevet os tucanos e as cotias para considerar aqui sómente a Fauna porque da Flora tambem trataram estes precursores.

Desde os primeiros dias provocaram admiração em Lisboa as grandes aves de plumagem azul e pur-

purina que de Porto Seguro Cabral enviou a D. Manuel.

Não é de estranhar portanto que nossa terra grangeasse a denominação de *Terra dos Papagaios* que apparece em alguns mappas e documentos coevos, como a correspondencia official de Lorenzo Cretico para a senhoria de Veneza de que era agente junto ao monarcha lusitano. Para a França levaram os contrabandistas de Honfleur, do Havre e de Dieppe verdadeiros carregamentos de exemplares da fauna brasileira que figuraram com primoroso realce nas festas celebradas em honra do rei Henrique II, em Rouen, no anno de 1550.

Em rigor, porém, não se póde dizer que já no seculo XVI a Sciencia se tivesse interessado com os productos da Natureza brasileira...

Faltou-nos um Garcia de Orta que foi florescer na India, para maior gloria de Portugal na sua idade aurea ».

Revistemos, *per summa capita*, o que a tal respeito nos indicam os nossos mais velhos chronistas e cartographos, relativamente ao Brasil. E, para começar pelo começo, examinemos os dizeres singelos e exactos do mais velho dos documentos brasileiros: a carta do bom escrivão Pero Vaz de Caminha.

Neste famoso relato nada encontramos que se subordine ao titulo de nosso estudo.

Interessou-se Pero Vaz, muito mais, como era natural, pelos homens divisados á ourela de nossa costa do que pelos animaes.

Ao verem os nossos indios o papagaio pardo, africano, que Cabral comsigo trazia mostraram que em sua terra outros havia com elle parecidos; uma gallinha os assustou e um carneiro os deixou sobremodo surpresos.

Viu o escrivão papagaios vermelhos, muito grandes e formosos e outros verdes pequeninos, e ainda

outros pardos, além de pombas seixas e aves pretas quasi como pegas de bico branco e rabo curto.

Narrava o escrivão ao Rei Venturoso que no Brasil não havia «boi, nem vacca, nem cabra, nem ovelha nem gallinha nem outra nenhuma alimaria que costumada fosse ao viver dos homens». Mas que surpresas não reservaria aquelle immenso sertão onde os nautas «a estender olhos só podiam ver terra e arvoredos sem saber se ali havia ouro nem prata nem nenhuma outra cousa de metal»?

Na resumida carta do «bacharel mestre Johan, physico e cirurgiano» a D. Manuel, datada de Vera Cruz e de 1.º de Maio de 1500, descoberta e publicada por Varnhagen, não vemos a menor referencia a um só animal do Brasil.

Estava o homem, aliás sobretudo cosmographo, muito mal de saude «a causa de uma pyerna mui mala» onde havia «una chaga mayor que la palma de la mano».

Tambem o batel em que ia era «muy pequenho e muy cargado». Não apresentava commodidade para observações astronomicas «lugar para cosa ninguna».

Assim mesmo fazia suas observaçõesinhas sobre o nosso Cruzeiro cujas estrellas eram «grandes casy como las del carro».

No relato das jornadas oceanicas de Americo Vespucio ao nosso paiz poucos factos da zoologia occorrem. Não podia ser credulo o navegador a quem o Destino reservara uma das mais indestructiveis glorias da Humanidade: a de baptisador de um Continente, do Novo Mundo!

Na sua terceira viagem em 1501 primeira á terra recemdescoberta por Cabral, «terra populosa e habitada por nação peor que feras, mas amena, viçosa e de boa apparencia» não se refere a animaes.

Na quarta, a de 1503 declara haver visto em Fernando de Noronha lagartos com duas caudas. Isto

quando escreveu ao gonfaloneiro de Florença Pietro Soderini narrando as suas aventuras.

Mais interessante é a outra narrativa sobre a viagem de 1501, a Lorenzo di Pier Francesco dei Medici. Muito mais informes dá dos nossos indios acerca de quem narra pormenores sobremodo interessantes.

Curioso affirma que não se entregavam á caça vivendo quasi exclusivamente da pesca: aliás prodigiosamente farta. Pensava o grande nauta que se fugiam aos exercicios venatorios provinha isto do facto de que «não ousavam arriscar-se, nús, aos continuos perigos das florestas extensas de enormes arvores povoadas de leões, ursos, muitas cobras e outros bichos horridos e disformes».

Verdadeira multidão a das alimarias do Brasil.

«Creio que o nosso Plinio não conseguiu tratar da millesima parte dos animaes».

Os unicos que parecem havel-o impressionado vem a ser os passaros «os papagaios e outras aves as quaes naquelles paizes eram de formas e côres tão variadas que os melhores artistas como Polycleto não conseguiriam pintal-os».

Lapsus calami entre parenthesis pelo qual o nosso Varnhagen lhe vae ás mãos observando que Polycleto era esculptor e não pintor.

Mas talvez fosse Vespucio victima de uma infidelidade de copista: *scribac: detestabile genus...*

Tambem era possivel que o seu texto trouxesse Pollajuolo que o tal amanuense traduziria por Polycleto!

A hypothese não nos parece muito bem estribada.

De Polycleto a Pollajuolo quasi *c'e mezzo il mare.* Pena porém que o grande nauta florentino não se lembrasse de nos dar as suas impressões daquella bicharada innumeravel, mil vezes mais avultada do que

a que occupara a attenção do patriarcha da Historia Natural.

A Neuen Zeitung auss Pressilg Laandt ou *Nova Gazeta da Terra do Brasil* é como se sabe um dos mais velhos documentos sobre o nosso paiz.

Pela primeira vez, em letra de forma, praticou o seu autor a germanica confusão do *P* pelo *B*, de Brasil. Entende Varnhagen que data de 1506; Harrisse de 1520; Hebler de 1515.

Schuller estudou o caso exhaustivamente e affirma que é anterior a Setembro de 1509. Infelizmente neste momento não temos á mão os eruditos commentarios de Brandenburger.

Ella noticia a passagem de S. Thomé pelo Brasil, fala de muitos leões e leopardos existentes em nossa terra, lynces e castores cujos couros seu redactor viu em mãos dos indios.

Muito parece haver interessado ao anonymo autor esta questão de pelles. Talvez fosse negociante do artigo.

Nada nos refere porém de animaes fantasticos ou muito diversos da zoologia conhecida dos europeus de seu tempo.

A 13 de Dezembro de 1519 ancorava Fernão de Magalhães na Guanabara que elle julgava ser ainda desconhecida e a que piedosamente baptisou bahia de S. Luzia. Chronista de sua expedição foi o cavalheiro Francisco Antonio Pigafetta, veneto, vicentino de nobre estirpe, cavalheiro de S. João de Jerusalem, autor do famoso relato da primeira viagem circumnavegatoria. A curiosidade o levara a embarcar na esquadra do glorioso circumdador do Globo. Foi um dos dezoito que de tantos e tantos nautas voltaram da espantosa façanha. Em francez escreveu o jornal da expedição.

Do Brasil relata que era tão grande como a França, Hespanha e Italia juntos, foi o primeiro que nos

deixou um vocabulario da lingua geral. Pequeno, pois só arrola doze vocabulos. Mas emfim... conta-nos cousas muito curiosas dos nossos indios e indias.

Em materia de zoologia extravagante viu no Rio cerdos de umbigo á espalda e passaros grandes cujo bico lembrava uma colher e não tinham lingua.

Havia no Rio de Janeiro uma infinidade de papagaios; por um espelhosinho offereciam os indios oito ou dez louros.

Ali viu tambem «gatos simiescos» lindos, amarelos que pareciam leõesinhos.

Os commentadores pretendem que os taes cerdos eram os nossos caetitús. Deviam os gatos ser os nossos micos leões.

Passou Pigafetta entre os seus contemporaneos por muito adverso ás idéas de Epaminondas em relação ao respeito á verdade. E, facto curioso, esta fama de pouco verdadeiro, conta-nos um de seus commentadores, proveio do facto de que elle exactamente relatou a verdade destruindo umas tantas abusões correntes na Europa, sobretudo sobre factos da zoologia.

Assim se cria, desde muito, que a ave do paraiso era destituida de pernas! e como Pigafetta contestasse tal asserção não faltou quem o acoimasse de mentiroso.

Nos extensos commentarios de Alvares Nunes Cabeza de Vacca, o famoso adelantado, explorador da Florida e da America do Sul, nada encontramos de saliente aproveitavel para a nossa resenha.

Indo em 1540 por terra, da região da Babitonga ou de S. Francisco do Sul, em Santa Catharina, a Assumpção do Paraguay, nada viu de extraordinario em relação a aspectos fantasticos zoologicos.

Mas ha do seu relato algumas notas biologicas curiosas como a scena pittoresca em que descreve o desespero e o furor dos macacos do planalto curityba-

no. Atiravam as pinhas das grandes araucarias ao chão e viam os respectivos pinhões devorados por enormes varas de queixadas e cattetos reunidos para se aproveitar do trabalho dos pobres simios.

Outro informe pittoresco é o do terror inspirado pelos guaranys, pelos cavallos dos hespanhóes; pediam ao Adelantado que dissesse aos animaes que se não encolerizassem. E para aplacal-os traziam-lhes como comida gallinhas, mel e outras cousas.

De muito longe vinham aldeias inteiras avistar-se com estes animaes, para ellas novos, abysmando-se todas ao vel-os montados pelos hespanhóes. Outro pormenor interessante é o que se refere á grande criação de patos feita pelos guaranys, afim de se poderem livrar dos grillos que eram innumeros. Desciam elles aos enormes bandos dos tectos das casas em busca de alimento e eram, então, devorados pelos palmipedes. Não fôra isto e a região seria inhabitavel, tal a quantidade dos terriveis orthopteros roedores, cujo nome viria a ser o synonymo de uma industria bem conhecida nos sertões brasileiros.

Nos sertões... e nos centros populosos, digamol-o em abono da verdade.

Ulrico Schmidel, de Straubing, Baviera, foi um destes inexoraveis aventureiros quinhentistas incluidos na classe do feroz *vol de gerfauts, hors du charnier natal,* do famoso verso herediano.

E no sequito dos conquistadores iberos, veio ás terras da America expandir as veras de sua alma cruel, sedenta de aventuras em scenarios novos cheios de perigos, em busca de impressões violentas e da satisfação dos mais truculentos instintos.

Foi soldado de D. Pedro de Mendoza, quando este conquistador veio á America do Sul, numa empresa que Martim del Barco cantou em rude e réles verso relatando que o seu heroe partira para *la Argentina*

Provincia, y en conquista de paganos,
Con dinero robado entre Romanos.

Sim, porque este famoso e mallogrado primeiro fundador de Buenos Aires fôra dos daquella horda de ferocissimos lansquenetes de mil e um povos, que sobre Roma, em 1527, marchara a cantar as glorias do seu general, o famoso principe transfuga, do sangue real da França e inexoravel inimigo de Francisco I.

Cala, cala! Cesar, Anibal, Scipion!
Viva la fama de Borbon!

Do saque de Roma, optimos proventos auferira D. Pedro de Mendoza, que passou a sonhar ser, no Prata, o emulo de Cortez e Pizarro.

Na sua armada, de quatorze grandes naus, tripuladas por dois mil e quinhentos hespanhóes, veio Schmidel com mais cento e cincoenta allemães do norte, hollandezes e saxões, legitima «flor de minha gente», da nossa conhecida expressão. Dezenove annos passou na America do Sul, para onde partiu a 1 de Setembro de 1534.

De volta á Europa, escreveu a sua «*Historia verdadeira de uma viagem curiosa feita por Ulrico Schmidel de Straubing, na America ou Novo Mundo, pelo Brasil, Rio da Prata, desde o anno de 1534 até 1554*», *e em que se verá tudo quanto soffreu durante estes dezenove annos e a descripção dos paizes e dos povos extraordinarios que elle visitou*».

Neste intervallo, de quanta cousa horrenda foi o straubingense comparticipe! Quanta perversidade nos relata das lutas entre hespanhóes e indigenas e das pugnas intestinas dos proprios conquistadores!

Cançado de uma vida de tantas commoções, resolveu voltar á Europa. E o fez por terra, de Assumpção a S. Vicente, passando, em 1553, por S. André da Borda do Campo, onde, aliás, não encontrou João

Ramalho. Isto como se vê antes da fundação de S. Paulo. Pouco refere em sua obra que possa servir de achega ao nosso escopo.

Fala-nos apenas que nas aguas de Cabo Verde encontrou immenso e perigosissimo peixe, chamado *schaubhuten*, por causa do grande circulo que tinha á cabeça. Uma ou outra vez se refere a sucurys e crocodilos.

A proposito destes saurios, ensina a seus patricios que elles não são animaes venenosos, como na Allemanha se dizia, affirmando-se que o seu halito e até os simples olhares se tornavam mortiferos. A tal proposito diz metendo-se a espirituoso: «é verdade que quem contemplar este peixe (sic), morre mas porque não ha quem não tenha que morrer algum dia». Espirituosissimo!

Não passavam de fabulas outras asserções, ainda acerca dos jacarés. A saber: provinham de geração espontanea nas cabeceiras dos rios; só os podia matar a apresentação de um espelho onde se vissem reflectidos.

Ha, porém, um topico das aventuras de Schmidel que se enquadra no nosso programma.

Atravessando terras já brasileiras, á esquerda do Paraná, viu, á margem do rio Urquan (?), muitas cobras daquellas que os hespanhóes chamavam *Schue-Eya-Tuescha* (sic), terrivel reptil, perigosissimo, que com a cauda laçava homens e animaes, a se banharem nos rios, arrastando-os para o fundo.

A um destes minhocões, affirma o nosso aventureiro ter tomado as dimensões, achando-lhe uma circumferencia de quatro braças allemãs (7m,32), o que lhe deixa um diametro de 2m,33!

E tinha o bicharoco dezeseis passos de comprimento, ahi uns treze metros. Que muralha, que montanha de carne!

Nem a famosa serpente de Marcos Attilio Regulo,

se lhe poderia comparar á nossa cobrinha do rio Urquan: o monstro que no norte da Africa, á margem do rio Bagrada, fez frente ao exercito inteiro do proconsul, segundo relata Valerio Maximo, *apud*, Tito Livio, no seu livro XVIII, um dos que se perderam do grande historiador.

«Engolia soldados esmagando a muitos nas voltas da cauda. Não lhe faziam mossa os dardos. Mas afinal esmagada ao peso dos projectis e das pedras que, de todos os lados, lhe arremessavam, as machinas e a gente, succumbiu, depois de ter parecido a todos, cohortes e legiões, mais terrivel que a propria Carthago.

As aguas do rio ficaram tintas do seu sangue e as exhalações pestilenciaes que sahiram do cadaver empestaram a região toda, obrigando os romanos a levantarem acampamento. A pelle do monstro mandada para Roma mediu cento e vinte pés» (39m,60)!

Com certeza a *Schue-Eya-Tuescha* do nosso Schmidel era algum descendente da serpe do celebre proconsul, batido por Xantippo, prototypo do respeito á palavra dada e do patriotismo inexcedivelmente acrysolado.

Ou quiçá haja sido algum filhote do *Kraken* da immensissima serpente marinha, que mais parece uma ilha fluctuante do que um animal.

Similiorem insulae quam bestiae, no dizer do velho e veneravel chronista da autoridade de um Olaus Magnus!

Bicho contemporaneo do *Genesis*, com uma milha e meia de extensão e tentaculos capazes de abarcar um «dreadnought» como o «up-to-date» *Saratoga*, e a sua enorme plataforma para aviões. E leval-o para os abysmos pelagicos, como um jacaré a algum pato bravo descuidado! Que humilhação para as nossas mais formidolosas *eunectes* a cobrinha de Ulrico Schmidel!

Que valem os nossos mais berradores *minhocões* perto desta *Schueba-Eya-Tuescha?* Mas ha ahi um conselho a dar-se aos genealogistas: procurarem solver a seguinte duvida: não existirá algum parentesco, qualquer, entre Ulrico Schmidel de Straubing e o hannoveriano, brilhante, heroico, impavido, temerario, official de cavallaria do exercito russo, em campanha contra os turcos: Jeronymo Carlos Frederico, Barão de Münchhausen? a cujas aventuras immortalizou a prosa do erudito Raspe e o lapis de Gustavo Doré?

Não ha brasileiro de mediana cultura que não conheça a Hans Staden e não saiba de suas aventuras em terras brasileiras, na região paulista e na fluminense.

Poucos informes de ordem zoologica nos deixou o famoso aventureiro allemão e nenhum de ordem fantastica, em sua *Relação veridica dos usos e costumes dos tupinambás entre os quaes esteve prisioneiro, cujo paiz está situado perto de um rio denominado Rio de Janeiro.*

Bem desvaliosas as suas informações dos nossos simios *Kei, ackakei, pricki* (buriqui), do tatú a que germanicamente chama *datú,* do gambá e da capivara, estropeadas para *servoy* (saruê) e *catinaredos,* dos porcos montezes, *teiguassú* (do bicho de pé) (*atunr*).

Sob o nosso ponto de vista, particularizado, quasi nenhuma valia possue a *Historia Verdadeira, descripção de um paiz habitado por homens selvagens, nús, ferozes e anthropophagos, situado no Novo Mundo, chamado America, e desconhecido no paiz de Hesse, antes (sic) e depois do nascimento de Jesus Christo até o anno ultimo* (1556). Assim pelo menos se gabava o dito cidadão de Homberg, no dito paiz de Hesse.

VI

Um estudo do Dr. Annibal Cardoso. A epistola de Anchieta sobre os Reinos da Natureza em S. Vicente. Informes de Gandavo e de Thevet.

Nas columnas de *El hornero,* interessante e valiosa publicação ornithologica argentina, publicou o distinto naturalista Dr. Annibal Cardoso uma série de artigos filiados á mesma ordem de idéas que nos levou a escrever sobre a zoologia do Brasil primevo e as abusões dos conquistadores e povoadores.

Restringiu-se, porém, o Dr. Cardoso ao campo exclusivo da ornithologia, havendo subordinado os seus escriptos ao titulo *La ornitologia fantastica de los conquistadores.*

Aos leitores brasileiros será certamente interessante conhecer o que, sobre tal assumpto, traçou o autor platino que, aliás, além de percorrer a bibliographia hespanhola, consultou a portugueza.

A sua ornithologia fantastica tanto é, em geral argentina quanto brasileira visto como as especies mencionadas da avifauna sul-americana tanto occorrem em seu paiz quanto no nosso.

E' muito vivaz a introducção do estudo do naturalista:

«Entre las distintas citas y descripciones que en libros y documentos nos ha dejado la época colonial, pintando con fantásticos colores uma fauna extravagante y fenomenal, merecen un buen capitu-

lo las que se refieren a las aves de nuestro pais cuya descripcion, tan inexacta como exagerada, ofrece pasajes de cómica candidez, que revelan al estudioso el estado de los conocimientos en aquella época y sirven al curioso lector un buen rato de alegre distraccion.

Desde el paso del Estrecho por MAGALLANES en 1520, cuando PIGAFETTA describio el *Aptenodytes* diciendo que «parece cubierto de plumitas por todo el cuerpo», extranando, sin duda, no estuviera cubierto de otra cosa, hasta la feliz llegada de AZARA» cuantos disparates se escribieron, que este tuvo que emendar!

No es posible olvidar las extravagantes citas de OVIEDO, HERRERA, LÓPEZ DE GOMARA, CIEZ, DE LEÓN y tantos otros que, durante el primér siglo de la conquista, escribieron disparatadas descripciones de nuestra fauna.

Tampoco podemos hacerlo de aquellos padres jesuitas que les siguieron en los siglos XVII y XVIII, sin adelantar un paso en el asunto, al que agregaron mayores extravagancias y patrañas.

Las descripciones del Padre ACOSTA, aunque juiciosas, fueron sujetas a la leyenda biblica; las del P. TECHO, sólo sirvieron para ponderar los conocimientos medicinales de tal a cual jesuita empirico; del P. FALKNER, que por respeto a sus antecesores en la Orden, tampoco aclara esos errores, por su parte, en las citas propias, no fué capaz de describirnos el *yacaré*, porque cuando le vió correr con salvaje fiereza en las orillas del Paraná, se le antojó bestia apocaliptica!

Siguieron a estos, muchos otros padres jesuitas que al escribir la historia de los trabajos efectuados por la Compañia de Jesús, se ocuparon de la descripcion de los animales y plantas más notables que aqui hallaron; relatos que subordinaron a tres pun-

tos principales; la leyenda fantástica de que gozaban; la misteriosa influencia que les atribuian como panacea de todas las enfermidades; y las observaciones proprias, más estúpidas que ignorantes, en que pintan metamorfosis imposibles, haciendo pasar por evoluciones sucesivas, gusanos y mosquitos, a las clases más superiores en que se dividen los vertebrados.

El fuerte principal de estos historiadores es la medicina, copiada casi siempre hasta en sus groseros detalles de la que usaban los indigenas.

Y aqui no nos es posible olvidar la estupenda terapeutica del Padre historiador Guevara, que ponderando al pájaro *Guacho* dice: «no tiene cosa más estimable que su excremento, cuya virtud es más apreciable que el oro y todas las preciosidades del mundo, y sirve admirablemente para curar las quebraduras de huesos», citando luego el caso de un muchacho que se quebró una pierna y curó en *dos dias* con un emplasto del famoso excremento, «hasta el extremo de poder caminar».

Bien poca cosa es, en verdad, tan estupendo prodigio, ante la cura del indio que nos refiere el P. Montenegro, al que habiendole pasado por sobre el pecho la rueda de una monumental carreta tucumana cargada con varios quintales de algarroba, sanó en pocos dias con la infalible cataplasma.

Los órganos de los sentidos poco servian para guiar por buen camino el extraviado criterio de aquellos hombres, y sus visiones fantasmagóricas se sucedian con desesperante resultado para la ciencia.

El P. Vasconcellos afirmó haber visto «*con sus proprios ojos*, unos gusanillos blancos criados en la superficie del agua que se hicieron mosquitos; los mosquitos pasaron a la forma de lagartos, éstos se convertieron en mariposas, y las mariposas se transformaron finalmente en picaflores.

Al lado de esto, la evolucion de las especies es una niñeria y Darwin resulta una mediocridad!

El órgano del oido no les servió tampoco para ayudar la vista, pues si veian a la distancia un *cuis* que se ocultaba en la maleza y al mismo tiempo resonaba en la serrania el relincho de un guanaco, no vacilaban en atribuirlo al inocente roedor.

Buen testimonio de ello nos lo ofrece el P. Muratori, cuando dice, refiriendose al picaflor: «une a sus colores más brillantes, la voz y el canto del ruiseñor; y es sorprendente cuando se le oye cantar, que una voz tan fuerte pueda salir de un cuerpo tan pequeño».

Inutil es decir, que en estas trocatintas de óptica y acustica, solia intervenir casi siempre, algun indio astuto, burlón y solapado, que se complacia en aumentar la confusion en aquellos cerebros visionarios.

Es, pues, posible, que mientras el P. Muratori, contemplaba al picaflor, hizo oir sus trinos alli, cerca, alguno de nuestros cantores de la selva, y el padre jesuita, que no conocia de la misa (ornitológica) la media, aplicó el oido, levantó el dedo y miró a su guia, quien aprobó en silencio la observacion; después de lo cual quedó sancionado que aquellas notas poderosas pertenecian al pequeño pajarillo.

Un caso más notable que éste, nos lo ofrece el relato de un marino español, que visitó las costas del Pacifico. Un dia que paseaba por el campo, encontró un pájaro, para el desconocido, que revocaba la cabeza por la arena para desembarazarse de los parásitos que le incomodaban, y como en ese instante resonara al lado una nota muy eminentemente clásica para el oido del marino, éste no vaciló en apuntar la siguiente cita que transcribió más tarde en su «descripción del Perú: *El pajaro trompetero* el qual saca

el sonido de trompeta pegando la cabeza en tierra y expeliendo el aire por detrás»!

Y con esto, ya curados de espanto, podemos pasar adelante».

Da intelligencia admiravel que foi a do «Apostolo do Brasil» depoimento notavel existe — e é largamente conhecido — sobre a fauna e a flora da capitania de S. Vicente.

Constitue a primeira informação que sobre as coisas da natureza em terras de São Paulo se divulgaram esta *Epistola quamplurimanum rerum naturalium quae S. Vicentii provinciam incolunt sistens descriptionem.*

Publicou-a pela primeira vez em 1799 esse erudito modesto e cheio de alto merito que foi Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, o primeiro paulista que estudou e descreveu a fauna brasileira.

Imprimiu-a acompanhada de excelentes notas. Ha na carta anchietana volumosos e curiosissimos informes sobre a fauna vicentina mas tambem pouca coisa como contribuição para o escopo que em mira temos.

Assim mesmo de suas paginas haurimos alguns subsidios dignos de nota.

Tinha Anchieta vinte e seis annos quando escreveu a sua *Epistola* datada de S. Vicente e de fins de Maio de 1560.

Assignou-a: «o mais humilde da Companhia de Jesus: José» e no proemio declara que taes informações elle as ministra por obediencia, a um pedido do seu Provincial.

Depois de relatar qual a situação da provincia de S. Vicente fala da sua climatologia e refere que nella occorriam medonhos trovões e tempestades que, comtudo, não assustavam os indigenas.

Expõe a opinião absurda de um destes americanos, certo impostor, celebre feiticeiro, sobre a cau-

sa das ventanias. Explica ainda que no territorio vicentino o frio se acalmava com o ardor do sol, o calor com a viração e as chuvas que, no littoral atlantico, eram sempre abundantes. E outras ingenuidades...

E a proseguir relata coisas hoje desapparecidas, entre outras: a enorme quantidade de peixes dos rios de Piratininga e a frequencia da congelação das aguas correntes, no rigor do inverno do planalto paulista.

Refere a presença do peixe boi em costas de S. Vicente, de onde desde muito desappareceu, e refere que o Atlantico era ali phenomenalmente piscoso.

Longamente se occupa dos ophidios vicentinos. O seu primeiro capitulo consagra-o ás enormes serpentes *sucuryuba*. Havia-as immensas. Um leigo jesuita ao avistar uma destas cobras, nadando em um rio, a tomara pelo mastro de um navio.

Sobre a *Eunectes*, refere o que lhe contavam os indios: não tinha dentes e matava as presas enfiando-lhes a cauda pelo anus. Engolia antas inteiras e ficava depois inerte como se estivesse morta não se podendo mover, até que o ventre lhe apodrecesse com o alimento.

Era então esventrada pelas aves de rapina que a devoravam ao mesmo tempo que ao seu repasto.

Depois de informe e semi-devorada começava a serpe a se reformar; cresciam-lhe novamente as carnes, estendia-se-lhe a pelle voltando afinal á antiga forma.

Commentando estas coisas maravilhosas de Anchieta, diz-nos o douto annotador: «realmente a tal respeito ouvi algumas coisas no Brasil, porém, sempre as considerei fabulosas».

Tratando das jararacas affirma o thaumaturgo que se alguem escapava á morte, depois de por ella picado, ficava immunizado. Não só não corria perigo

como tambem soffria muito menos dôres nas subsequentes picadas.

Sceptico mas respeitoso para com o autor commentado, observa Ordonhes: «julgo que esta propriedade do veneno das cobras é agora desconhecida no Brasil; pelo menos nos logares em que estive».

Das cascaveis, ou boiciningas, conta o santo jesuita que na época da procriação adquirem movimentos rapidissimos. Diziam os indios até que voavam!

Igualmente nefastas as *ibibobocas* que viviam como as toupeiras e as *boipebas*, erronea informação, como sabemos.

Da multidão innumeravel das aranhas brasileiras, arruivadas, côr de terra, pintadas, peludas, que pareciam carangueijos declara: «são tão feias de ver que só o seu aspecto já parece trazer o veneno deante de si».

Animaes friorentissimos refugiavam-se nas casas e por isto quando as indias envenenavam as bebidas com os seus cadaveres as victimas de tal potagem ficavam atacadas de excessivo frio e tremores.

Dos escorpiões serviam-se os indios vicentinos para uma manobra de fins sensuaes identica á que Gabriel Soares attribuia ás taturanas entre os da Bahia.

Mas tal pratica por vezes lhes trazia incalculaveis maleficios. Curiosa a coincidencia de varios depoimentos notaveis sobre tal manobra que, já em 1501, era observada por Americo Vespucio na costa brasileira.

Repetindo informações que não pudera verificar, relata-nos Anchieta que em S. Vicente havia animaes muito ferozes, que alguns queriam fossem leões, coisa de que duvidava.

Os seus capitulos sobre o papa formigas ou tamanduá, a tapiiara ou anta, a aig ou preguiça, o

tatú, o porco taiaçú, os veados, gatos selvagens, os gambás, etc., nada trazem de muito particular.

Tratando dos macacos adduz: «contam delles casos admiraveis mas incriveis e por isto os deixo em silencio». Infelizmente não se dispoz a relatar-nos estes «casos admiraveis», que certamente seriam optimo contingente para o nosso estudo.

Dos espinhos do ouriço affirma que quando fincados em qualquer materia, pouco a pouco nella penetravam sem que fosse preciso enterral-os.

Elle proprio vira um couro dobrado, de boa grossura, que uma destas cerdas do porco espinho varara no espaço de uma noite. Isto leva Ordonhes a observar que provavelmente fôra Anchieta illaqueado em sua boa fé por algum indio astuto.

Mais credulo se mostrou o emulo de Nobrega ao tratar do insecto *rahú*, «vermes roliços e oblongos todo brancos, de um dedo de grossura, que cresciam no meio dos caniços e ora se transformavam em borboletas e ora em ratos»!

Mas se havia os vermes rahú metamorphoseados em borboletas e ratos existiam em S. Vicente borboletas que se transformavam em beija flores. As menores destas aves, chamadas pelos indios guainumbys viviam exclusivamente de orvalho.

Outra curiosidade ornithologica do Brasil: um enorme rapineiro, soberano das demais aves a quem todas as demais especies preadoras levavam a seu ninho alimentos como a seu soberano legitimo e acatado.

Termina o glorioso canarino o seu relato por uma serie de informes, sem realce pittoresco, sobre a gralha anhima, patos bravos e gallinaceos.

Consagra umas poucas laudas aos vegetaes comestiveis do paiz, aos medicinaes, etc., assim como a uma pedra flexivel e a conchas que produziam perolas.

Termina reservando uma pagina ás proezas demoniacas dos maus espiritos da floresta, assassinos dos pobres indios, ou seus torturadores.

Assim os *currupiras* que os açoitavam, atormentavam e matavam e cujas victimas, já mortas, haviam sido encontradas na mata pelos missionarios: os *igupiaras* moradores das aguas, afogadores dos selvagens e naufragadores de suas igaras e ubás; os baetatá ou cobras de fogo que corriam rapidamente, de um lado para outro, atacando os indios e matando-os como os *currupiras*.

Appareciam os baetatás com fogo brilhante e ninguem sabia o que exactamente eram. Piedosamente commentava o Thaumaturgo: «Ha outros espantalhos desta especie, que não só causam terror, mas tambem prejuizo aos indios. Nem é de admirar que com estas e outras coisas, que seria longo enumerar, o demonio queira tornar-se terrivel a estes Bravios que desconhecem a Deus e de exercer sobre elles terrivel tyrannia».

Querendo desculpal-o de haver crido em semelhantes absusões florestaes annota Ordonhes:

«Não é de admirar que Anchieta, homem de grande piedade, désse credito a certos delirios dos indios quando em muitos doutos escriptores de todos os tempos se encontram a cada passo casos horriveis de espectros, bruxas, lemures e demonios».

Obedecendo á ordem chronologica devemos na *Historia da Provincia Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, do bom Pero de Magalhães Gandavo, procurar elementos portuguezes para o estudo da nossa zoologia primeva.

E realmente, publicada em 1576, representa a obra de Gandavo, como se sabe, o primeiro documento impresso lusitano em que surgem descriptas as cousas do nosso paiz.

E trata-se de obra de quem, *de visu*, observou as

cousas, pois o autor «natural da Augusta Cidade de Braga e filho de Pae Flamengo, como denota o seu segundo appellido, insigne humanista e excellente latino, de cuja lingua abriu escola publica entre Douro e Minho, onde foi casado, assistiu alguns annos no Brasil, onde observou com judiciosa curiosidade tudo quanto era digno de memoria, sendo o primeiro que depois de descoberta tão vasta Provincia escrevesse, «diz o editor do livro, a que coube a honra insigne de ter como apresentador um dos maiores nomes da Humanidade: simplesmente Luiz de Camões.

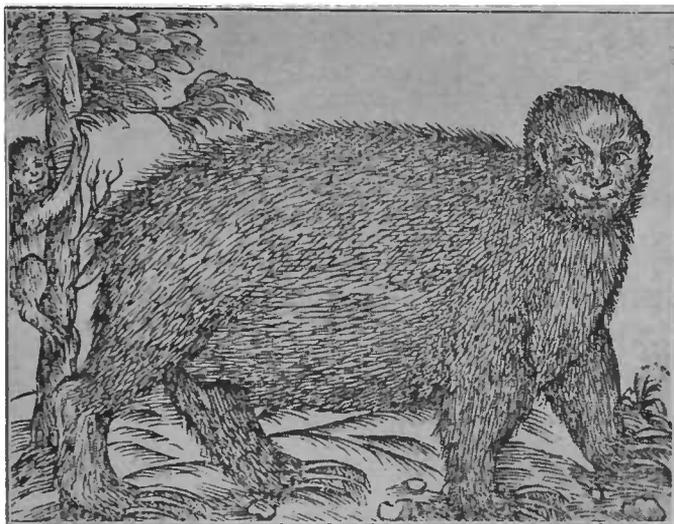
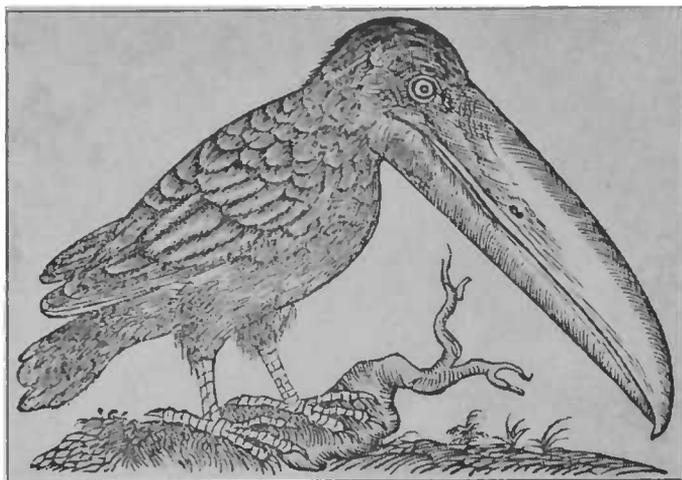
Nuns tercetos, introductorios começa o cantor dos *Lusiadas*, por dizer, a louvar ao autor:

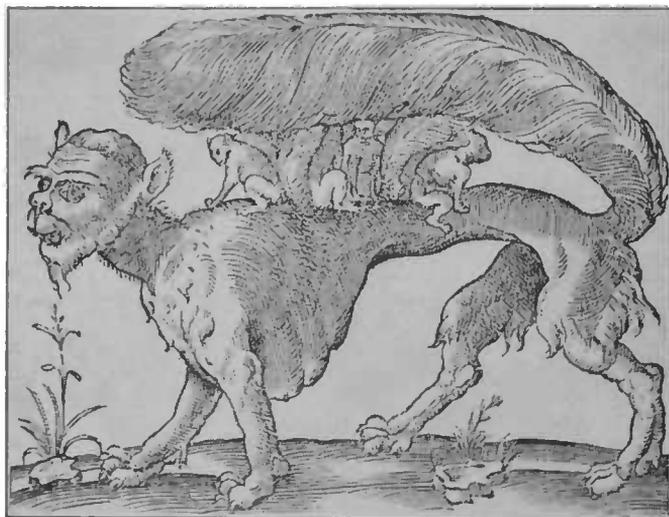
> Depois de Magalhães teve tecida
> A breve Historia sua que illustrasse
> A terra Santa Cruz pouco sabida
>
> Imaginando a quem a dedicasse
> Ou como algum favor defenderia
> Seu livro de algum zoilo que ladrasse, etc.

Depois de ensinar como se descobrira a provincia brasileira e a razão pela qual se deve chamar Santa Cruz e não Brasil, «descrever o sitio e qualidades da provincia», passa o nosso engenhoso bracarense a tratar das «plantas, mantimentos e frutas que ha nesta provincia» onde se encontravam cousas interessantissimas.

Assim assegurava que em terras de S. Vicente, por exemplo, nascia certa arvore que se dizia pela lingua dos indios *obirá paramaçaci* o que quer dizer pao para infermidades.

Tres gotas de seu leite purgavam uma pessoa «por baixo e por cima, grandemente». E quem tomasse «quantidade de hua casca de noz morreria sem nenhuma remissão».

O que porém ha de mais interessante na *Natura-*

Thevet — Singularidades da França Antarctica

Thevet — Singularidades da França Antarctica

Thevet — Singularidades da França Antarctica

Thevet — Singularidades da França Antarctica

lia do optimo Gandavo é o capitulo VI *Dos animaes e bichos venenosos que ha nesta provincia.*

Bichos muy feros e venenosos, porcos que andavam em terra e nagua; Antas «que sam da feiçam de mulas mas nam tam grandes». Pacas e cotias tatús», quasi tamanhos como leitões, com um casco como de kagado, tigres que na terra se nomeiam por onças; cerigões que sam pardos e quasi tamanhos como raposas, os quaes tem huma abertura na barriga ao comprido de maneira que de cada banda lhes ficam hum bolso onde ficão os filhos metidos»; preguiças, que têm hu rosto feo; huas unhas muito compridas quasi como dedos, gadelha grande no toutiço e se move com passos tão vagarosos que ainda que ande quinze dias aturado não vencerá distancia de tiro de pedra». Tamandoás e bogios de muitas castas, cobras muy grandes que engolem hum veado, outras venenosas», que têm no rabo uma cascavel e andam sempre rugindo, etc. etc.

E a bicharada que existia pelo sertão? Seria um nunca acabar descrevel-a. «Inficionados das podridões, das hervas, matos e alagadiços», tornavam-se os ventos do Brasil. Casando-se a sua influencia á do Sol surgiam estes animaes «muitos e mui peçonhentos que por toda a terra estavão esparzidos e infinitos».

Passando ás aves lembra Gandavo as de rapina «muy fermosas», a infinidade de gaviões «muy destros e forçosos» e dentre as que se comem: as *macucaguás* muy saborosas; os papagaios estimadissimos pelos europeus. E a este proposito diz o geographo que os broncos indios logravam os sabidos portuguezes vendendo-lhes camuflados papagaios incapazes de falar e outros psittacideos a que depennavam quando filhotes, tingindo-lhes a pennugem com o sangue de certas rãs.

Mas a ave mais digna de nota era certamente uma

«que tinha mais officio de animal terrestre» a *hema* de que traça pittoresca descripção.

No Brasil era o pescado «saboroso e sadio». Baleias havia-as em profusão e peixes bois de quarenta e cincoenta arrobas.

Nada porém mais interessante em toda a fauna brasilica do que o «fero e espantoso monstro marinho que se matou na Capitania de S. Vicente no anno de 1564 com quinze palmos de comprido, semeado de cabellos pelo corpo e tendo no focinho huas sedas muy grandes como bigodes». Com semelhante phenomeno travara combate nocturno o animoso rapaz Balthazar Ferreira e tivera a sorte inaudita de o matar a estocadas.

«Movia-se de hua parte para outra com passos e meneos desusados e dando hurros de quando em quando tam feos que parecia algua visão diabolica».

Para combater puzera-se o bruto erecto firme sobre as barbatanas da cauda e tentando apanhar o adversario com os braços terminados por umas especies de mãos armadas de quatro enormes garras. Enterrara-lhe Balthazar pela barriga a dentro o grande estoque e recebera pelo rosto tal jorro de sangue e com tamanha força, que quasi ficara cego. O monstro mal ferido assim mesmo «remetera a elle indo para o tragar a unhas e dentes». Conseguira porém o heroico mancebo dar-lhe na cabeça tal cutilada que o deixara prostrado.

Tão grande a sua commoção devida ao terrivel prelio que por largo tempo ficara «perturbado e suspenso sem poder explicar o que lhe succedera.

«E assi esteve como assombrado sem falar cousa alguma por hu grãde espaço».

Em tropel vieram os indios admirar o monstro a que em sua lingua chamavam *Hipupiara* o que quer dizer *demonio da agua.*

E outros do porte do hipupiara deviam nutrir as

aguas brasileiras, observa Gandavo. Já diversos hipupiaras se haviam avistado em mais pontos da costa, embora raramente.

E a commentar o portentoso phenomeno zoologico observa: «E assi tambem deve aver outros muito maiores monstros de diversos pareceres que no abysmo desse largo e espantoso mar se esconde, de não menos estranheza e admiração: e tudo se pode crer, por difficil que pareça: porque os segredos da natureza não foram revelados todos ao homem, pera que com razam possa negar, e ter por impossivel as cousas que não viu, nem de que nunca teve noticia».

E assim philosophicamente, remata o cidadão bracarense as suas considerações sobre o extraordinario caso do hipupiara revelado ao mundo da civilisação occidental; gigantesco leão marinho extraviado pelas correntes oceanicas das baixas latitudes patagonicas para as aguas mais tepidas vicentinas ou quiçá levado por fatal espirito migratorio de curiosidade, raro entre os de sua raça mas susceptivel talvez de se lhe encastoar ao cerebro rudimentar.

O franciscano ingenuo que, movido por insaciavel curiosidade e a mais ardente paixão pelo *bric à brac*, andou por Séca e Méca e, com Villegaignon, veiu dar de costado ao Brasil, o ingenuo André Thevet, deixou-nos saborosas paginas sobre a flora e a fauna brasileiras nas suas conhecidas: *Les singularitez de la France Antarctique autrement nommée Amérique.*

E se o seu estilo mereceu as malicias do terrivel causticador que foi Rabelais e o desancamento de varios dos seus contemporaneos nem por isto deixa a sua obra de ser tida em alto apreço pelos americanophilos. Como bem diz Gaffarel não era absolutamente vulgar esse patriarcha dos historiadores francezes da America, introductor do fumo na Europa. Real desserviço, aliás, a nosso ver, prestado á Humanidade. E, por um desses numerosos *sic vos nos*

vobis consagrados pela consumação dos factos, posto á conta do seu compatriota Jean Nicot, pretendem alguns autores não sabemos com que autoridade.

E' bem interessante o mundo de cousas que o Capucho nos conta do paiz da «*riviere de Genebara autrement de Janaire*» de seus habitantes, animaes e vegetaes. E' bem verdade que o seu compatriota Jean Nicot o accusa de haver visto as cousas do Brasil, pela rama. E peor, de muito haver enfeitado a sua conversa. Mas officiaes do mesmo officio...

Assim nos fala do enorme peixe *Panapana*, especie de cão marinho, de uma herva de arestas tão cortantes que aos indios servia de navalha; da arvore *paquoére* que era a bananeira, do passaro *tucan* e do *carindé*, ave de «excellente belleza», do *panú* «*estrange oyseau*» e do *quiapian*. O nosso esquipatico e vulgarissimo anum merece-lhe amavel citação e ainda mais o beija-flor, o guainumby, que transforma em *gonambuch*.

O javali brasileiro soltava gritos «muito apavorantes e os chifres de veado, queimados, afugentavam as cobras! Quando um pobre cervideo cahia ás mãos dos tamoyos estes lhe cortavam as pernas porque senão se arriscavam os caçadores a dahi para sempre perder completamente a agilidade. Fala-nos ainda com pormenores da anta, do coaty e do tatú.

Mas o que muitissimo o espantou, fazendo-lhe consagrar um capitulo especial ao caso, foi o «bicho bastante esquisito chamado hauit, do tamanho de grande macaco da Africa e que ninguem «de memoria humana, jamais vira comer ou beber». Elle proprio autor conservara o espantoso animal durante vinte e seis dias. Mas qual, nem uma gotta d'agua nem uma particula de comida ingerira!

Cousa mais curiosa do que esta só o que lhe contavam os indios de certo lugar: podia ficar dias á chuva sem o menor vestigio de molhadura. «Eis os

factos admiraveis da natureza, prova de como se compraz a fazer grandes cousas e diversas, as mais das vezes incompreensiveis e admiraveis aos homens», exclama abysmado o piedoso viajante.

E ninguem se atrevesse a esquadrinhar taes mysterios «porque seria grande impertinencia; ahi residia um segredo da natureza, cujo conhecimento é o privilegio do Creador». Nada mais reprovavel portanto do que o espirito do seculo onde tantos homens se esforçavam na procura das causas e razões das cousas».

Refere-se ainda Thevet á presença da phoca em aguas guanabarinas, animal que muito o espantara pela estranheza do aspecto, e fala-nos de enorme peixe, terrivel como um leão ou lobo esfaimado: o *huperú*, de que tinham os indios horrendo pavor.

Emfim: nas *Singularidades da França Antarctica* não ha grandes singularidades zoologicas reveladas. O bom do frade deixou-se mais impressionar pela botanica do paiz descripta em seus specimens venenosos e esquisitos.

Interessantissima é, porém, a sua iconographia onde nos surge uma preguiça de facies positivamente humano, um tucano com o bico muito maior que o resto do corpo e sobretudo um quadrupede de cabeça humana sobre o dorso do qual se alcandoram filhotes, etc.

Ainda bem que o ultimo destes animaes não occorria no Brasil, frisa-o o douto autor.

VII

A cartographia quinhentista e as abusões zoologicas. Os chronistas hespanhoes e a avifauna sulamericana. Informes de João de Lery.

Na cartographia do seculo XVI numerosos documentos nos informam das abusões reinantes na época e relativas á fauna das terras e dos mares brasileiros e sul americanos.

Curioso é que no mappa famoso de Juan de la Cosa, datado do proprio anno da descoberta do Brasil, nada vemos desenhado que recorde as crendices referentes aos monstros marinhos acaso existentes no Atlantico meridional, graças á fantasia dos cartographos.

Celeberrimo vem a ser o Planispherio de Cantino, datado de 1502 e encontrado, após ser largamente tido como inevitavelmente perdido, a envolver a carne cortada ás libras de um açougue italiano, se não nos falha a memoria. Assignalam-n'o as vistosas côres e o meridiano de Tordesillas assignalado por enorme letreiro: «Est he o marco dantre castella e portuguale».

Na zona consagrada ao Brasil traz enormes psittacideos que parecem araras vermelhas, azues e amarellas. Apresentam-se no littoral atlantico ostentando immensos e espiralados bicos e surgem-nos á sombra de uma flora extravagantissima.

Na chamada *Carta de Turim,* que data de 1523,

ha curiosa selva de grandes arvores desenhadas, troncos nús, altas frondes sem lianas, tudo quanto ha de menos brasileiro. Sobre as franças do arvoredo vêm-se installadas aves de vistosa plumagem que tambem parecem psittacideos.

Outros psittacideos surgem no Atlas dos Reinel onde tambem vemos um dragão horrendo em terras do centro sul americano e uma Phenix de vantajosas dimensões. No mappa de Canesio (1505), abundam os psittacideos em terras do Brasil e não menos pittorescos.

Mas geralmente nestes mappas o que vemos apparecer são scenas anthropophagicas: indios a se espostejar, a assar no espeto membros de sacrificados pela mussurana e o tacape.

A' medida que os annos passam psittacideos e macacos continuam a occorrer e, quasi sempre, vem mesmo a ser os elementos preferidos para a representação da fauna dos vertebrados sul americanos sobretudo brasileiros.

Brasilia sive terra papagallorum...

Um dos mappas mais curiosos, como typo deste genero, é o de Pierre Descelliers, que data de 1550 e está cheio de scenas selvaticas.

Nelle vemos um peixe immenso á altura do Prata, cuja cabeça quasi tem as dimensões de meia caravela.

De monstros immensos povoa Diogo Homem, em 1553, o mar das Antilhas e o Atlantico Sul.

Mercator, em 1569, colloca á altura da Terra Nova, um monstro do tamanho, não de uma caravella mas quasi de uma esquadrilha.

A carta do nosso amigo André Thevet, em 1575, é do maior pittoresco. Pelas costas do Brasil divertem-se mostrengos horrendos, ameaçando as naus de as tentar submergir nas profundezas das «ondas amaras» da classica chapa.

Em aguas do Pacifico é enorme a fauna monstruosa cartographica: immensos peixes volateis, cetaceos de colossaes fauces, espadartes prodigiosos fisgando serpentões, etc.

Gigantesco ichtyodo, o ichtyoloma eriçado de formidaveis espinhas colloca-o em 1584 Giovanni Batista Mazza rondando os mares pelas vizinhanças de Fernando de Noronha.

Espantoso bicharoco! No anno seguinte a imaginação escaldante de Jan van Doet inventa colossaes peixes, de cabeças leoninas, e caudas, ora trifidas ora em meia lua, ameaçando assaltar caravellas e galeões.

Este mesmo cosmographo colloca no valle amazonico enorme quadrupede *ex exteriore parte vulpem ex posteriore simiam, simiavulpina vocatur* e de pés perfeitamente humanos.

De Abrahão Ortelz, hollandez, latinizado para Ortelius, a novidade é um peixe de grandes cerdas, da Patagonia, assim mesmo menor do que a incommensuravel baleia do famoso Theodoro de Bry e de outro habitante das salsas ondas que Cornelis de Jode inculca. Tem perfeita cara de lobo, e surge no seu mappa especial consagrado ao Perú e ao Brasil: *Brasilia et Peruvia.*

Pedro Plancio, este inventou o peixe hippopotamo do *Orbis terrarum typus de integro multus in locis emendatus.* E um tatú canastra, mexicano, do tamanho de uma anta, além de um jaguar peruano com cara humana. Tambem descobriu um elephante e um passaro phenixforme, inclassificavel, na fauna patagonica.

Quanto a Arnoldo Florentino van Langeren este, em 1596, revelou ao mundo culto novos animaes da America do Sul como certas cabras de immensissimas orelhas, que se arrastavam pelo solo e sobretudo o famoso *Hay* de quem dizia: *Hanc bestiam quae a quibusdam Hauts et a Tomoupinambaulersis Brasiliae*

populo Hay vocatur, nemo ut scribunt vel edentem vel bibentem nunquam vidit: hinc quidam opinantur eam neque cibum capere neque potu ali neque alio alimento, quam haustu aeris vivere.

Não menos interessante o mappa de 1598, da autoria de Josse Hond que se latinizou para Jodocus Hondius. Denuncia, ao norte do Amazonas, tigres, leões e colossaes javalis, maiores do que os leões. E na sua ethnographia local surge-nos uma tribu de indios acephalos com os olhos, o nariz e a bocca sobre o thorax superior.

O interessante é que o illustre Theodoro de Bry, em 1599, perfilha as asseverações de seu collega e explica que os taes indios eram os da tribu Iwaupanoma. Outro cartographo, Vrient, em 1599, povoa os oceanos de horrendas serpes, Krakens e demais bicharocos que lembram as formas antidiluvianas dos ichtyosauros e dos plesiosauros.

Curioso, porém, que todos estes cosmographos não hajam collocado nos rios sul americanos as colossaes sucurys de que já tinham conhecimento por Schmidel, Gandavo e outros chronistas.

As côres deslumbrantes das nossas aves attrahem sobremaneira a attenção dos escriptores que derramam tinta a valer em seus capitulos ornithologicos, refertos de informes extravagantes.

Percorrendo os velhos autores escreve o Dr. Anibal Cardoso, repetindo o que do macaguá affirma Lozano:

«El amor a sus hijos es tal, que cuando tiernos los trae siempre cargados sobre sus espaldas, sin que esta dulce carga le retarde el vuelo».

El P. Guevara acepta la noticia y la aplica al «macá» y al «macaguá», como aves que «cargan sobre si sus hijuelos y con ellos vuelan, con ellos caminan y nadan, y no hallan embarazo para sus cotidianos ejercicios en la carga que fió la naturaleza a su

material y maternal providencia», sin preocupar-se de que se trata de dos aves, una acuática y la otra de presa, que jamás *nadó* ni emprendió el vuelo «con sus hijos sobre la espalda».

Continuando com as interessantes pesquisas relata-nos o naturalista argentino a proposito do que os chronistas contaram do condor:

«Ya en los primeros tiempos del descubrimiento del Perú, asi como en el paso de Magallanes, por la rigión del sur, se observó la más gigantesca de estas aves, y en una apoteosis ilustrada de este marino, dibujada por STRADANUS en 1522, figura un Condor colosal que arrebata por los aires nada menos que a un elefante!

EL P. A. COSTA que lo menciona brevemente, dice que «son de immensa grandeza y tanta fuerza, que no solo abren un carnero y se lo comen, sino a un ternero». Este autor tuvo opportunidad de observar estas aves en el Alto Perú, donde, según el P. LOZANO, se les llama «*cuntur*», en quichua peruano».

EL P. GUEVARA dice con su habitual desenvoltura: «El crecido Cóndor substituto de los Cuervos y Buitres de Europa: tan grande que de punta a punta de las alas tiene tres y cuatro varas: tan atrevido que despedaza una ternera: tan avisado que acomete por los ojos, y sacados rompe con la dureza de su pico y se acaba la ternera».

Proseguindo na sua resenha pelas diversas ordens de nossa avifauna escreve o Dr. Cardoso: — «LOZANO cita el Urutaú y el Caco aves nocturnas con voz humana». «AZARA dice del Urutaú que «es muy conocido de los Guaranys por este nombre, y es de los pájaros más famosos por las patrañas sin numero que de el refieren.

Entre ellas dicen: que quebrandoles los huesos de las alas y piernas por la noche, amanece sano;

que al que remeda su canto, se le quema la ropa antes de tres dias; que al que lleva una de sus plumas, atrae las voluntades del otro sexo; que cualquiera pretension escrita con una de sus plumas, y aunque sea de otro pájaro, como tenga dentro del cañon algunas barbas del Urutaú se consigne sin falta; y tambien attribuyen a las plumas y sus cenizas, virtud contra muchas dolencias.

De todas las referidas maravillas y otras, se encuentran testigos que las creen como evangelicos. Su voz es un alarido alto, espacioso y muy melancolico y lo repete con pausas toda noche haciendo creer a los bobos que llora la ausencia del sol, porque comienza cuando este se pone y acaba cuando sale. Añaden que todo el dia mira al sol de hito en hito; pero, el caso es, que su canto es de alegria, porque sin sol vive y come, y no con el.

Guevara, entusiasta admirador de la medicina fantastica de los indigenas, aprovecha la opportunidad para describir un ave que produce tan singular remedio, y dice: «Peregrino es el Guacho a quien dió el nombre su mismo canto que articula esta voz: *guacho*. Es del tamaño de las golondrinas, pero el color es pardo.

El nido fabrica de barro en los montes cerrados y más ordinariamente en serranias ásperas y escarpadas. No tiene cosa más estimable que su excremento, cuya virtud es más apreciable que el oro y todas las preciosidades del mundo. Sirve admirablemente para las quebraduras de huesos y en poco, si costo y sin los excesivos dolores de la cirurgia suelda las roturas».

Menciona luego el caso de un muchacho que cayó del caballo y se quebró una pierna, habiendo curado en dos dias con un emplastro del famoso excremento amasado con miel de abejas, hasta el extremo de poder caminar. Entra luego el historiador jesuita a desconfiar de la quebradura para terminar pidiendo se

confirme tan rapida cura «con diligentes experimentos».

Mas pouca coisa tão extravagante haverá quanto as fabulas sobre os beija-flores.

E isto através dos seculos.

«Llegó el turno a los Picaflores. Estos si que tienen notable y fabulosa historia! Y no se crea que iremos a buscar entre los inocentes navegantes del siglo XVI los fantasticos relatos; no... son los naturalistas de esa época que engañados por la credulidad de los padres jesuitas nos deran maravillosas descripciones completamente falsas. Mas adelante serán los mismos historiadores jesuitas de los siglos XVII y XVIII, quienes tomado el asunto por su cuenta y apoyados en el fiel testimonio de otros *eruditissimos* collegas, tan visionarios como ignorantes continuaran con toda buena fe desarrolando la extravagante patraña; ya que a veces se suele mentir inocentemente por falta de conocimientos y de logica.

El botanico francés, Julio Carlos de l'Ecluse (en latin, (*Clusius*) dice, en su *Exoticorum libri decem* (Amberes, 1701) lo seguiente:

«El Provincial de los padres de la Compañia de Jesus, contaba en la ciudad de Tournay, en casa de Jacob y hallandose presente algunos miembros de la misma sociedad, que los brasileños impusieron a esa avecilla el nombre de *Ourisia* el que traducido al latin significa Rayo de Sol; que dicha avecilla es procreada por un mosca; que vió ese portentoso origen y podria testimoniarlo el mismo, por haber admirado una que en parte eran aún mosca y en parte ave; su color al principio es negro, en seguida ceniciento, más tarde rosado, después rojizo y por fin expuesta su cabeza a los rayos del sol, despide todos los colores».

Cinquenta y sieta años después de esta publicacion el naturalista holandés Guillermo Piso escribia en su *Historia Naturalis Brasiliae:*

«Pero para decir la verdad, algunas de estas orugas brasileñas, llamadas por los portuguezes *Lagartas das verças* se transformam en avecillas, las que son más hermosas entre todas las del Brasil, siendo denominadas por los indigenas *Guainumbi*, por los portugueses *Pegafrol* y por los belgas *Bloem-Spegt.*»

Incide, a tal proposito em engano o naturalista argentino. Não é só de Piso a citação e sim tambem de Marcgraf em sua *Historia avium*.

E' este o trecho do sabio de Liebstadt: *Hujus avicolae ea natura est et proprietas, quod non diutius vivat quam flores plantarum durant cujus melle victitat, quibus decidentibus, rostello suo se affigit arborum truncis et sex mensibus ita immota manet, donec flores renascantur.*

Sempre cauteloso explica Marcgraf porque reproduz tal maravilha a fé não de um mas de muitos informantes: *quod tam multis testimoniis confirmatur ut de eo dubitari non deebat*».

Proseguindo diz o Dr. Anibal Cardoso:

Fueron conocidos estos libros por los escritores jesuitas de aqui, llegó a ellos por tradicion la fantástica leyenda del Provincial de la Compañia? Veámolo:

El P. José de Acosta, Provincial de los Jesuitas en el Perú, contemporáneo de su colega del Brasil, citado anteriormente, no hace referencia alguna a tan extravagante noticia y dice moderadamente: «Los que llaman Tominejos son tan pequeñinos que muchas veces dudé, viendolos volar si eran abejas o mariposillas, mas son realmente pájaros».

Estas breves lineas nos demuestran que la extraordinaria leyenda viene del Brasil, donde fué incubada por el otro famoso P. Provincial y luego desarrollada por el P. Simon de Vasconcellos, como se verá muy en breve.

Los PP. Lozano y Guevara coinciden en sus re-

ferencias a proposito de estas avecillas, y tomaré del segundo lo más interessante.

Dice Guevara:

«Mejor la merece (la presidencia de las aves) un pajarillo tan pequeño de cuerpo que puesto en balanza no excede el peso de un tomin, y eso llama Tuminejo. En lengua quichua le dicen Quinti, en la guarani Mainumbi, y en la castellana Picaflor.

«Entre las aves es la más pequeña, su cuerpo vestido de hermosas y brillantes plumas es como una almendra. El pico largo, sutil y delicado, con un tubillo o sutil aguijon, para chupar el jugo de las flores. La cola en algunos es dos veces más larga que todo el cuerpo.

El color es un agradable esmaltado, de verde, azul turqui y sobredorado, que envestidos de los rayos del Sol, hire y ofende a la vista con su viveza. No se puede negar que en la pequeñez y colores, se encuentra alguna variedad, pero es mejorando siempre con un naranjado vivisimo que herido de los rayos solares, imita las llamas de fuego. Su nido pende al aire de algun hilo o delgada rama al abrigo de los árbales y techos, compuestos de livianos flequecillos. Es del tamaño de una cáscara de nuez, pero tan ligero que apenas peserá un tomin.

En este nido domicilio de la más pequeña de las aves, pone la Picaflor hembra un solo huevo. Con su natural calor lo fomenta como solicita criadora, y a su tiempo, cuando el instinto de sabia madre lo dicta, rompe el huevo y sale el hijuelo con figura de gusano; pouco a pouco desenvuelve y desata sus miembros, cabeza, piel y alas, y en figura de mariposa empieza a volar y a sustentarse del jugo de las flores, con la azogada inquietud del movimiento y delectable variedad de esmaltados colores que se admiran en el Picaflor.

Como no ha llegado a su natural perfecion, pasa

del estado de mariposa al de pájaro y se viste de plumas, al principio negras, despues cenicientes, luego rosadas y ultimamente matizadas de oro, verde y azul turqui.

Desenvuelve el pico que dicen algunos lo tiene arrollado en la cabeza y yo me inclino que la trompa varia algo de figura y se endurece y viste de naranjado. Algunos curiosos observadores han notado el estado medio, y se han dignado de prevenirme que ellos mismos han visto una parte con figura de mariposa y otra con la de Picaflor.

Más notable es lo que refiere en la vida del P. Almeida, el P. Simon Vasconcellos como testigo ocular. Dice que «vió unos guasanillos blancos sobre la superficie del agua que primero se convirtieron en mosquitos, de mosquitos passaron a largatijas, éstas tomaron figura de mariposas y las mariposas se transformaron en Picaflores.

Si esta generacion es verdadera, de dos maneras acaecerá la producion de estos animalitos: la primera como refiere el citado autor, y la segunda que imita la generacion de los pájaros, naciendo de huevos fomentados con el calor de las madres».

Al llegar aqui el P. Guevara, parece avergonzado de tener la menor duda o vacilacion en el testimonio de sus colegas, y agrega la siguinte declaracion como testigo ocular: «No pone la Picaflor hembra más que un huevo como aseguran algunos y hoy, viente y cinco de octubre de mil setecientos cincuenta y ocho, acabo de observarlo».

Guevara no perdió la oportunidad de fijar fecha tan memorable que comprueba el atraso de aquellos hombres. En cuanto a las referencias de los testigos citados, no son menos estupendas y al lado de ellas la metamorfosis de los insectos resulta una biboca y Darwin con sus a su natural perfecion pasa del estado de maque un plagiario! Terminaremos la descripcion

que hace Guevara con el siguinte párrafo de su consecha:

«Vadecerbo en su gobierno de aves, y Francisco López de Gomara, refieren que a la entrada del invierno busca el Picaflor un lugar abrigado, y clavando los pies y pico en el hueco de algunas pared o árbol, se pasa durmiendo todo el inverno.»

Este nuevo detalle nos hace sospechar en las causas que motivaban tan soberbios disparates que, se ellas no mediaran, resultarian descarados embustes. La transformación de la mariposa en ave; el «pico enrollado en la cabeza» y el sueño invernal «clavando los pies y pico en un árbol», nos hace comprender que aquellos padres jesuitas observaron las crisálidas de alguns Esfingidos, y en Papilionidos del naraujo que ofrecen tan curiosos caracteres, y los aplicaron a la reproduccion poco conocida de aquellas avecillas. La creencia popular hizo el resto.

El P. Muratori, escribe en su *Relation de las Misiones del Paraguay:* es aquel que por su pequeñez ha recibido el nombre de *pájaro mosca;* el une a sus colores más brilantes la voz y el canto del ruiseñor; y es sorprendente, cuando se le oye cantar, que una voz tan fuerte pueda salir de un cuerpo tan pequeño».

Veinte años después, Azara, con criterio de hombre inteligente y estudioso acabó con todas esas tradiciones fabulosas attribuidas a los Picaflores, «que asi *y Tente en el aire les* llaman los españoles, *Mainumbi los guaranis*», riendose de las leyendas forjadas a propósito de estos pajarillos, muchas de las cuales fueron aceptadas por Buffon».

Menos exaggeradas por isso as informações sobre os picapaus embora nellas occorram muitas babozeiras *di primo cartello.*

Menciona Lozano al «Carpintero» y aceptando a ojos cerrados una vulgar tradición, indigena y euro-

pea, dice: «Si le cierran el nido con plancha de hierro, cuando está criando busca cierta yerba que de noche resplandece como si fuera plateada, y *el Carpintero* conoce su virtud por natural instinto, applicala al hierro que a su contacto se hace pedazos y le deja franca la entrada para alimentar a sus polluelos».

Guevara no acepta la noticia de Lozano diciendo por su parte que «ese atributo no se hace creible si primero no se nos muestra esta prodigiosa hierba o por lo menos, el lugar donde se cria». En cambio de esta negación nos da algunos dados interessantes: «Carpintero dicen a un pajaro pequeño de color obscuro, con gargantilla e colarin amarillo en unos, azul en otros, de pico negro, colorado y amarillo. Anidan en los árboles más duros abriendo con el pico en los troncos concavidad suficiente para su domicilio — Sacuden con tanto aire los troncos con la dureza de los picos que imitan propriamente los golpes de hacha con que un robusto carpintero desbasta a fuerza de brazos las superfluidades de los maderos!»

João de Lery borgonhez de La Margelle é um nome que ninguem ignora, entre os que sabem as coisas do nosso paiz um pouco mais do que pela rama.

Predicante calvinista estudava theologia com Calvino em Genebra, quando á cidade do Lemano chegaram os instantes pedidos de Villegaignon para que lhe enviasse o Reformador ministros destinados á colonia da França Antarctica.

Assim a 19 de Novembro de 1556 embarcava em Honfleur com destino á Guanabara onde se immortalizaria. Tinha apenas 22 annos de idade.

Chegados ao Rio, Lery e seus collegas, passaram dias amargos, a trabalhar como pedreiros e cavouqueiros nas fortificações que Nicolau Durand erigia na satisfação do principio primordial do *primo vivere.*

Ficassem as predicas para mais tarde... exigia-lhes o ex-cavalleiro de Malta.

A discordia, como todos sabem, arruinou a tentativa franceza da colonização e Lery, foi deportado, com os outros ministros calvinistas, tendo conseguido voltar á França após os horrores de uma travessia longa, torturada pelas angustias da fome.

Em 1578 publicava a sua famosa *Histoire d'un voyage fait en la Terre du Brésil, autrement dite Amérique*, que já em 1600 contava quatro edições em latim e francez o que mostra quanto foi apreciada muito tambem porque a adornavam curiosas estampas exoticas.

Nella fazia acerbas accusações ao *Caim da America.*

Verdade é que a obra do burgonhez figura entre as que terão sempre publico, interessante como se apresenta versando numerosos assumptos inteiramente novos no seu exotismo.

Trazia-lhe o rosto appetitoso programma, falava dos brasis, dos animaes e das arvores de nossa terra e de muitas cousas singulares desconhecidas «de nós outros» (sc. os europeus).

Desde 1889 acha-se impressa em portuguez uma traducção da obra de João de Lery, versão realizada numa orthographia absolutamente rebarbativa e extravagante, num dos mais feios tentamens de reforma da orthographia portugueza jamais imaginados. E levada a cabo aliás por erudito de valor: Tristão de Alencar Araripe.

Inimigo capital do «h» chega Araripe a escrever *onfleur!* etc., em compensação apaixonado do «x» grapha xamar, roxedo, xuva, etc.

Passando ao nosso escopo principal vejamos se a historia da viagem de João de Lery pode dar-nos alguns elementos em materia de zoologia fantastica do Brasil.

Descrevendo os animaes, lagartos serpentes e outros animaes monstruosos da America conta-nos que o tapirussú, participando de uma e outra alimaria, é semi-vaca e semi-asno, fala-nos que a queixada tem ás costas um operculo por onde respira quando quer, á moda dos cetaceos, e dá-nos noções, agora mais ou menos certas, de diversos dos nossos mais vistosos animaes.

Passa depois a descrever o encontro que teve com terrivel monstro.

«Em certa occasião dois francezes e eu commettemos o erro de nos mettermos a caminho para visitar o paiz, como costumavamos, sem levar selvagens por guia, e nos transviamos nos bosques; e quando ladeavamos profundo valle, ouvimos o ruido e andadura de um bruto, que vinha em nossa direcção; e pensando ser animal silvestre, não parámos, nem demos importancia ao caso.

Mas de repente, á dextra, e quasi a trinta passos de distancia, vimos na encosta da montanha um lagarto muito mais volumoso do que o corpo de um homem, com o comprimento de seis a sete pés. Parecia revestido de escamas esbranquiçadas, asperas e escabrosas como cascas de ostras; ergueu um dos pés dianteiros, e com cabeça levantada e olhos scintillantes parou firme para encarar-nos.

Vendo isto, e não tendo então nenhum de nós arcabuz nem pistola, pois só traziamos espadas, e arco e flexa na mão (armas que não podiam servir-nos contra esse furioso animal tão fortemente armado), tememos, que se fugissemos, o bruto corresse mais do que nós, nos alcançasse, apanhasse e devorasse. Assombrados como estavamos, olhando uns para os outros, ficamos quedos e immoveis.

Depois este monstruoso e medonho lagarto, abrindo a boca por causa do grande calor que fazia (pois o sol brilhava e era então quasi meio dia) e soprando

tão fortemente, que o ouviamos distintamente, con templou-nos perto de um quarto de hora, volveu-s de repente e fugiu pelo monte acima, fazendo maio barulho e estrepito nas folhas e ramos, por ond passava, do que faria um veado correndo na florest

E nós, que raspamos tamanho susto, não tive mos por certo a lembrança de perseguil-o, e louvand a Deus por ter-nos livrado do perigo, proseguimos n passeio.

Pensei depois, seguindo a opinião daquelles qu dizem que o lagarto deleita-se com o aspecto do rost do homem, que o bicho tivera grande prazer de olha para nós, que aliás transidos de medo o contempla vamos». Qual seria este apocalyptico lacertilio bra sileiro? Quem lhe poderá desvendar a origem?

Descreve Lery a preguiça chamada pelos selva gens *hay* como animal «nos matos muito feroz ma facil de amansar-se quando aprisionado».

«Verdade é que por causa das suas unhas o nossos Tupinambás sempre nus como andam não gos tam muito de folgar com este quadrupede.

Mas, cousa que parecerá fabulosa, muitos sã os moradores da terra, não só selvagens como adven ticios com longa residencia no paiz a dizerem qu ninguem jamais viu este animal comer, quer no cam po, quer em casa, de sorte que julgam alguns qu vive de ar».

No capitulo das aves refere Lery muita cous interessante e rectifica os erros de uma *Cosmographi* de seu tempo que ensinava babozeiras a respeito da precauções tomadas pelos papagaios afim de defende rem os ninhos do possivel assalto de cobras.

Passando aos peixes relata o que lhe contou cer to indio.

«Sobre este assumpto da pesca dos selvagens não quero omittir a narração do que ouvi um delle contar, a saber: que estando em certa occasião con

outros em um desses barcos de casca de páu muito amarrados, e fazendo aliás tempo calmo, veiu um grande peixe, que o segurou com as garras, e queria ou viral-o, ou metter-se dentro do barco, conforme lhe pareceu.

Vendo isso (dizia elle) cortei-lhe rapidamente a mão com uma fouce, e cahindo e ficando a mão no nosso barco, vimos que elle tinha cinco dedos como a mão de um homem; e o peixe excitado pela dôr, que sentiu mostrou fora d'agua cabeça de forma humana, e soltou pequeno gemido».

Sobre tão estranho conto deste americano, deixo o leitor philosophar e attendendo á commum opinião que admitte no mar todas as especies de animaes terrestres, e especialmente em vista do que escreveram alguns autores sobre os tritões e sereias, julgar se era um tritão, sereia, macaco ou bugio marinho este cuja mão o selvagem affirmava ter cortado.

Todavia sem condemnar a existencia de taes cousas, direi francamente, que durante nove mezes de permanencia no alto mar sem pôr pé em terra senão uma vez, e durante as navegações costeiras, que por vezes fiz, não observei cousa igual a isto; nem vi, no meio de uma infinidade de especies de peixes, que apanhámos, peixe algum que se approximasse da physionomia humana».

Pouca cousa portanto é o que o borgonhez refere da zoologia fantastica do nosso paiz cuja riqueza floral o levava a proclamar piedosa e altisonantemente.

> O Seigneur Dieu! que tes oeuvres divers
> Sont merveilleux par le monde univers!
> O que tu as tout fait par ta grande sagesse!
> Bref, la Terre est pleine de ta largesse.

Voltando da America lembrava-se instante do pen-

samento do poeta quando affirmava: os navegant
do mar apenas da morte distam quatro dedos.

> Quoy que par la mer par son onde bruyante,
> Face herisser de peur cil qui la hante,
> Ce monosbstant l'homme se fie au bois,
> Qui d'espesseur n'a que quatre ou cing doigts
> De quoi est faict le vaisseau, que le porte
> Ne voyant pas qu'il vit en telle sorte
> Qu'il a la mort á quatre doigts de luy.
> Reputer fol on peut donc bien celuy
> Qui va sur mer, si en Dieu ne se fie,
> Car c'est Dieu seul qui peut sauver sa vie.

Tratando dos costumes dos nossos selvagens descrevendo-lhes os festins anthropophagicos surdi lhe do peito um brado de justiça. Fossem pelos eur peus, pelos francezes especialmente acoimados os am ricanos de ferocidade! Não occorrera a matança d S. Bartholomeu havia tão pouco ainda?

«Existem ainda milhares de pessoas que test munharam essas cousas dantes nunca ouvidas ent quaesquer povos. E os livros já impressos os atte taram á posteridade.

Depois desta horrivel carniceria do povo franc reconhecendo alguem que a maldade excedia a tod quantas eram sabidas, compoz os seguintes verso

> Riez Pharaon
> Achab, Néron
> Herodes aussi
> Votre barbarie
> Est ensevelie
> Par ce faict icy

«De ora em diante, verbera pois, não abomin mos tanto a crueza dos selvagens anthropophagos, is é, comedores de homens; por quanto existem indiv duos taes ou antes mais detestaveis e peiores no me de nós do que aquelles que só investem contra n

ções suas inimigas, como vimos, quando estas aliás mergulham-se no sangue dos seus parentes vizinhos e compatriotas; e nem é preciso ir fora do nosso paiz, ou chegarmos á America para ver cousas tão monstruosas e extraordinarias».

Assim vemos que ao nosso predicante assistiam sentimentos positivos de imparcialidade.

VIII

Fernão Cardim e Gabriel Soares de Souza. Os Tratados Terra e Gente do Brasil e o Roteiro do Brasil.

E' Fernão Cardim, sem duvida alguma, uma d mais illustres figuras daquella pleiade de jesuitas gl riosos que immortalizou a sua Ordem no perio por Capistrano chamado a idade heroica da Comp nhia.

A seu respeito escreve Rodolpho Garcia, e com maior exacção: «nelle não ha sómente o geograpl que estuda a terra, suas divisões, seu clima, su condições de habitabilidade; o ethnographo que de creve os aborigenes, seus usos, costumes e cerimonia o zoologo e o botanico por igual apparelhado, pa o exame da fauna e da flora desconhecida, mas l tambem o historiador discreto que discorre sobre missões dos jesuitas, seus collegios e residencias, estado das capitanias, seus habitantes e suas produ ções, o progresso ou a decadencia da Colonia, e su causas, sobre a vida emfim daquella sociedade na cente, de que participava».

Seus depoimentos são o de testemunha prese cial e valem ainda mais pela espontaneidade e pe sinceridade com que singelamente os prestou.

Curioso porém, que, o illustre ignaciano haja ave bado informes de toda a especie sobre a nossa zool gia e a nossa botanica sem frequentemente muito lh discriminar o valor.

Assim aceitou grande copia de indicações por vezes absolutamente infantis, que lhe dão aos escriptos um tom de credulidade excessiva, incompativel com a alta intelligencia de quem os redigiu.

Devemos porém ser indulgentes para com o illustre jesuita attendendo á mentalidade do seu seculo. Nelle, repetimol-o, reinavam as mais extranhas abusões sobre as cousas das terras e das aguas ignotas; quando o homem tão pouco descobrira do globo, ainda tão imperfeitamente conquistado pelo avanço da civilisação branca.

Tão notavel a contribuição de Fernão Cardim em seus *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, (como expressiva, eloquentemente os baptisou Afranio Peixoto, com a habitual e admiravel lucidez) tão notaveis, diziamos, foram achados os depoimentos de Cardim sobre o Brasil que já, em 1625, surgiam, traduzidos, na famosa collecção *Purchas his Pilgrimes*, embora sob o anonymato e submettido ao titulo *A treatise of Brazil written by a Portugall which has long lived there.*

Circumstancia curiosa presidiu a esta traducção.

Em 1601, quasi á barra de Lisboa, foi o navio em que viajava Fernão Cardim aprisionado por corsarios inglezes e levado para Dartmouth.

Na Inglaterra despojaram o nosso Provincial quinhentista dos manuscriptos que comsigo trazia. Logo depois iam elles ter ás mãos de Samuel Purchas que os vertia e aproveitava para a sua celebre collecção inestimavelmente preciosa.

Rodolpho Garcia comparou os textos de Purchas e de Cardim que, certamente tirara cópia dos seus *Tratados*. Assignala em cotejo magnifico as divergencias, deficiencias e demasias de ambos.

Em seu «Do clima e terra do Brasil e de algumas cousas notaveis que se acham assim na terra como

no mar» trata o nosso grande ignaciano, largamente, da fauna brasileira.

Dos porcos montezes adduz como os demais chronistas, que já citámos: «tem o embigo nas costas e por elle lhes sahe um cheiro, como de raposinhos e por este cheiro os seguem os cães e são tomados facilmente».

Do tamanduá bandeira affirma que se valia da cauda para se abrigar da chuva, frio e ventos. «Agasalha-se todo debaixo della sem lhe apparecer nada».

Dos tatús affirmava que eximios cavadores como sabiam ser, tanto cavavam, em dado tempo, com o focinho, quanto 27 homens armados de enxadas!

A irara era o prototypo do altruismo «se achava mel não o comia sem chamar seus semelhantes, cousa de grande admiração e exemplo de fraternidade para os homens».

Passando ao reino dos simios divulga Fernão Cardim curiosas cousas. Assim nos relata dos *aquiquig*, macacos musicos.

«Estes bugios são muito grandes como um bom cão, pretos e muito feios, assim os machos, como as femeas, têm grande barba sómente no queixo debaixo, destes nasce ás vezes um macho ruivo que tira a vermelho, o qual dizem que é seu Rei.

Este tem o rosto branco, e a barba de orelha a orelha, como feita a tesoura, têm uma cousa muito para notar, e é, que se põem em uma arvore, e fazem tamanho ruido que se ouve, muito longe, no qual atura muito sem descançar, e para isto tem particular instrumento esta casta: o instrumento é certa cousa concava como feita de pergaminho muito rija, e tão lisa que serve para burnir, do tamanho de um ovo de pata, e começa do principio da guella até junto da campainha, entre ambos os queixos, e é este instrumento tão ligeiro que em lhe tocando se move como a tecla de um cravo. E quando este bugio as-

sim está pregando escuma muito, e um dos pequenos que ha de ficar em seu logar lhe alimpa muitas vezes a escuma da barba».

Do cangambá a que chama biaratаca refere que gulosissimo de ambar andava pelas praias á sua procura. Tal a violencia de sua ventosidade que alguns indios haviam morrido de tal fedor. Varias aldeias se tinham despovoado graças á artilharia das insupportaveis maritacacas que muitas vezes para não serem presentidas «cavavam no chão e dentro dos buracos guardavam a ventosidade».

Entre as giboias do Brasil uma da maior singularidade era *gui-grau-pia-goava*, negra, de peitos amarellos, vivendo de ovos de passaros e voando por cima das arvores, tão rapida era.

A *boitiapoá* alimentava-se exclusivamente de rãs. Com ella açoitavam os indios as mulheres estereis affirmando que, graças a tal tratamento, logo ficariam fecundas.

Curiosa era a *Bom*, aliás inoffensiva serpe. Quando caminhava ia cantando bom, bom!

A *boicupecanga*, tinha a columna vertebral eriçada de espinhos peçonhentos que a todos faziam fugir.

Mas a mais venenosa das cobras do Brasil era a *igbiboboca* ou por outro nome a cobra dos coraes.

Parecia que o clima brasileiro «influia peçonha ás cobras como formosura aos passaros».

O beija flor *gainumbig* este passava por dormir annualmente seis mezes seguidos. Dos taes guainumbigs uns se geravam dos ovos de passaros outros de borboletas.

E é cousa para ver, annotava o Padre Cardim, uma borboleta transformar-se em tal avesinha, «porque juntamente é borboleta e passaro, e assim se vae convertendo até ficar neste formosissimo passa-

rinho, cousa maravilhosa e ignota aos philosophos, pois um vivente sem corrupção se converte noutro».

Os ossos do mutum innocuos ao homem eram venenosissimos para os cães! Outra particularidade curiosa: as propriedades extraordinarias do esporão das anhumas que restituia a fala aos mudos!

Mas de todas as aves do Brasil nenhuma tão interessante quanto uma pequena que dava berros atroadores annunciando chuva. «E a razão de tal era porque tinha a guela muito grande, que começava na cabeça e sahia pelo peito, ao longo da carne, o couro chegando ao cesso fazia volta e tornava a metter-se no papo. Então procedia como nos outros passaros e ficava como trombeta com suas voltas»!

Attribue Cardim ao clima do Brasil, como dissemos, a maior influencia sobre a riqueza da avifauna.

E o faz na seguinte e ingenua aproximação: «Assim como este clima influe peçonha, assim parece influir formosura nos passaros. E assim como a terra é cheia de bosques e arvoredos, assim nessa ha formosissimos passaros de todo genero de côres».

Dá-nos grande copia de notas sobre papagaios, araras, periquitos, anapurús e outras aves, mas neste paragrapho nada relata de fantastico.

Dos graciosos tangarás explica a choréa como accidente epileptico. Por esta razão os indios delles se não alimentavam «por não terem a doença».

Passando á ichtyologia brasilica achamos nas paginas de Cardim diversas achegas para o nosso escopo, não de todo desvaliosas.

Por exemplo: na cabeça do peixe boi, sobre os olhos e junto aos miolos ha «duas pedras de bom tamanho, alvas e pesadas, de muita estima e unico remedio para dôr de pedra» porque feitas em pó e bebidas em vinho ou agua faziam deitar a pedra, como acontecera a certa pessoa conhecida do autor.

«Antes de uma hora botara uma pedra como uma amendoa ficando sã, estando dantes para morrer».

Das nossas baleias conta o ignacino que eram ferozes acommettendo as pequenas embarcações. Numerosos pescadores por ellas haviam sido mortos.

Imaginava que o ambar encontrado nas praias da Bahia procedia do vomito das baleias, por superalimentação desta substancia que os cetaceos encontravam fluctuando em alto mar!

Notavel era porém a cobra marinha terepomonga. Notabilissima até. Uma das maiores curiosidades do Brasil.

«Ha uma cobra que anda no mar; o seu modo de viver he deixar se estar muito queda e qualquer cousa viva que lhe toca fica nella tão fortemente apegada, que de nenhuma maneira se pode bolir, e desta maneira come e se sustenta. Algumas vezes sae fora do mar, e torna se muito pequena, e tanto que a atacão, pega, e se vae com a outra mão para desapegarem ficão tambem pegadas por ella, e depois fazse tão grossa como hum bom tirante, e assi leva a pessoa para o mar e a come»!

Assim como Gandavo, acreditava o bom Fernam Cardim piamente na existencia dos Homens marinhos e monstros do mar do Brasil. Verdade é que quando escrevia os seus *Tratados* já corria impressa a obra de Pero de Magalhães.

Mais alguns pormenores nos conta o provincial jesuitico sobre as proezas de taes monstros.

«Estes homens marinhos se chamão na lingua Igpupiára; têm-lhe os naturaes tão grande medo que só de cuidarem nelle morrem muitos, e nenhum que o vê escapa; alguns morrerão já e preguntando-lhes a causa, dizião que tinhão visto este monstro; parecem-se com homens propriamente de boa estatura, mas têm os olhos muito encovados.

As femeas parecem mulheres, têm cabellos compri-

dos, e são formosas; achão-se estes monstros nas barras dos rios doces. Em Jagoarigipe sete ou oito leguas da Bahia se têm achado muito; em o anno de oitenta e dois indo hum Indio pescar, foi perseguido de hum, e acolhendo-se em sua jangada o contou ao senhor; o senhor para animar o Indio quiz ir ver o monstro, e estando descuidado com huma mão fóra da canôa, pegou delle, e o levou sem mais apparecer, e no mesmo anno morreu outro Indio de Francisco Lourenço Caeiro.

Em Porto-Seguro se vêem alguns, e já têm morto alguns Indios. O modo que tem em matar he: abração-se com a pessoa tão fortemente beijando-a e apertando-a comsigo que a deixão feita toda em pedaços, ficando inteira, e como a sentem morta dão alguns gemidos como de sentimento, e largando-a fogem; e se levão alguns comem-lhes sómente os olhos, narizes, e pontas dos dedos dos pés e das mãos, e as genitalias, e assi os achão de ordinario pelas praias com estas cousas menos».

Largamente trata o nosso autor dos peixes peçonhentos e não peçonhentos, dos mariscos e dos caranguejos do Brasil.

Sempre interessante não nos conta porem novidades que neste particular nos sirvam para o assumpto, em vista, a não ser talvez a pavorosa «matinada» feita nos mangues pelos enormes caranguejos *guanhumigo*. Tão forte que por vezes provocava até rebates falsos bellicos dos moradores das praias certos de algum desembarque de flibusteiros.

No capitulo referente aos passaros «que se sustentam e acham nagua salgada» tambem não são muitas as indicações extravagantes.

Vejamos algumas, porém: Do *guigrabeoteo*, por Garcia identificado como o *Balonopterus cayanensis*, narra que tinha «accidentes de morte». Morria e tor-

nava a viver, como quem tinha a gota coral (epilepsia).

E particularizava:

«São tão grandes estes accidentes que muitas vezes os acham os indios pelas praias e os tomão nas mãos e cuidando que de todo estão mortos os botão por ahi e elles em cahindo se alevantão e se vão embora».

Da saracura, do gracioso ralideo cujo canto é tão agradavel, é que o nosso Cardim denuncia espantosa particularidade. Lembra a que o Dr. Annibal Cardoso relata do *pajaro trompetero.*

«Tem hum cantar extranho, porque quem o ouve cuida de ser hum pássaro muito grande, sendo elle pequeno.»

Curiosissima faculdade permittia-lhe emittir duas notas ao mesmo tempo.

« Canta com a bocca e juntamente com a trazeira faz outro tom sonoro, rijo e forte, ainda que pouco cheiroso, que he para espantar.

Faz esta musica suave (?!) duas horas de manhã e á tarde até se acabar o crepusculo vespertino, e, quando canta, de ordinario adivinha bom tempo.»

Da flora do Brasil largamente se occupou tambem Fernão Cardim. E della nos dá muitas indicações cuja extravagancia é digna de ser comparada á dos factos zoologicos aqui reportados. Como exemplo de uma destas abusões aqui deixamos a que se refere á «arvore que tem agua».

«Esta arvore se dá em campos e sertão da Bahia em lugares aonde não ha agua; he muito grande e larga, nos ramos tem huns buracos de comprimento de hum braço que estão cheios de agua que não tresborda nem no inverno, nem no verão, nem se sabe donde vem esta agua. E quer della bebam muitos, quer poucos, sempre está em o mesmo ser, e assi serve não sómente de fonte, mas ainda de hum gran-

de Rio caudal, e acontece chegarem 100 almas ao pé della, e todos ficão agasalhados, bebem, e lavão tudo o que querem, e nunca falta a agua: he muito gostosa, e clara, e grande remedio para os que vão ao sertão quando não achão outra.»

O delicioso Gabriel Soares, adoravel de se ler, em seu *Roteiro do Brasil,* onde como que de cada linha reçuma a intelligencia de quem escreve, foi como todos sabem um espirito sobremodo lucido. Tanto mais valiosos os seus depoimentos quanto residiu no Brasil longos e longos annos.

Toda a razão assiste a Varnhagen para expender em seu prefacio ao *Roteiro* que «a obra do senhor de engenho da Bahia considerava talvez a mais admiravel de quantas em portuguez produziu o seculo quinhentista».

Ás suas preciosissimas notas geographicas entremeiam-se, em geral, as etnologicas e historicas, do povoamento da costa e da fundação das nossas mais antigas localidades.

Patrioticamente leva o meridiano da demarcação de Tordesillas ás terras patagonicas de S. Mathias. Já lhe não basta a fóz do Prata.

Na segunda parte de sua obra, ha a longa serie de capitulos consagrados á descripção da flora e da fauna da Bahia, interessantissimos todos de se lerem. Occorrem-lhe numerosas as notas da biologia e da ecologia, por vezes summamente pittorescas pelo afastamento em que se acham da verdade.

A unica guarida que em suas paginas concedeu ás coisas fantasticas é a do capitulo «que trata dos homens marinhos».

«Não ha duvida senão que se encontram na Bahia e nos reconcavos della, muitos homens marinhos, a que os indios chamam pela sua lingua *upupiara,* os quaes andam pelo rio dagua doce pelo tempo do verão, onde fazem muito damno aos indios pes-

cadores e mariscadores que andam em jangadas, onde os tomam, e aos que andam pela borda da agua, mettidos nella.

A uns e outros apanham e mettem-nos debaixo dagua onde os afogam; os quaes sahem á terra com a maré vasia afogados e mordidos na boca, narizes e na sua natura.

E dizem outros indios pescadores que vieram tomar a estes mortos que viram sobre agua uma cabeça de homem lançar um braço fóra della e levar o morto.

E os que isso viram se recolheram fugindo á terra assombrados, do que ficaram tão atemorizados que não quizeram tornar a pescar dahi a muitos dias; o que tambem aconteceu a alguns negros de Guiné; as quaes fantasmas ou homens marinhos mataram por vezes cinco indios meus; e já aconteceu tomar um monstro destes dois indios pescadores de uma jangada e levarem um, e salvar-se outro tão assombrado que esteve para morrer; e alguns morrem disto.

E um mestre de açucar do meu engenho affirmou que olhando da janela do engenho que está sobre o rio, e que gritavam umas negras, uma noite, que estavam lavando umas formas de açucar, viu um vulto maior que um homem á borda dagua, mas que se lançou logo nella; ao qual mestre de açucar as negras disseram que aquella fantasma vinha para pegar nellas, e que aquelle era o homem marinho, as quaes estiveram assombradas muitos dias; e deste acontecimento acontecem muitos no verão, que no inverno não falta nunca nenhum negro».

Tratando das nossas aves e mamiferos avança das araras: «tem bico tão forte que quebram correntes de ferro»; da jaguaracaca que «escapa aos carnivoros» lançando tanta ventuosidade e tão peçonhentas cuja artilharia tem tanta força que a onça e os ou-

tros inimigos que o buscam se torna e a deixa; «dos porcos montezes tajaçús que lhes surge um umbigo sobre a espinha dorsal».

Dos bugios guaribas relata: tão ageis são que ás vezes apanham as flechas dos indios, no arremesso, e transformando-as em dardos e lanças ora as desferem contra os caçadores, ora saltam ao chão, dellas armados, procurando traspassar os inimigos.

Onde porém o nosso bom Gabriel Soares deixa-se levar a mil devaneios vem a ser no capitulo consagrado á nossa herpetologia. *Em que se declara a quantidade das cobras, lagartos e outros bichos* quando ao leitor explica que «cobras são estas do Brasil de que tanto se fala em Portugal, e com razão, porque tantas e tão extranhas não se sabe onde as haja».

Nada mais pittoresco do que o processo de caçada usado pelas giboias. «Para matarem uma anta ou um indio, ou outra qualquer caça, cingem-se com ella muito bem, e como tem segura a presa buscam-lhe o sesso com a ponta do rabo, por onde o mettem até que matam o que tem abarcado».

A velha abusão que fazia da nossa giboia verdadeira phenix acha guarida nas paginas de um homem da intelligencia de Gabriel Soares.

Quando o gigantesco ophidio «comia uma anta ou outra coisa grande que não podia digerir se empanturrava que não podia andar».

Leiamos porém o curioso topico: «E como se sente pesada lança-se ao sol como morta, até que lhe apodrece a barriga, e o que tem nella; do que dá o faro logo a uns passaros que se chamam urubús, e dão sobre ella, comendo-lhe a barriga com o que tem dentro, e tudo o mais, por estar podre; e não lhe deixam senão o espinhaço, que está pegado na cabeça e na ponta do rabo, e é muito duro; e como isto fica limpo da carne toda, vão-se

os passaros e torna-lhe a crescer a carne nova até ficar a cobra em sua perfeição; e assim como lhe vae crescendo a carne, começa a bolir com o rabo, e torna a reviver, ficando como dantes; o que se tem por verdade, por se ter tomado disto muitas informações dos indios e dos linguas que andam por entre elles no sertão, os quaes o affirmam assim».

«E um Jorge Lopes, almoxarife da capitania de S. Vicente, grande lingua, e homem de verdade, affirmava que indo para uma aldeia do gentio no sertão, achara uma cobra destas, no caminho, que tinha liado tres indios para os matar, os quaes livrara deste perigo ferindo a cobra com a espada por junto da cabeça e do rabo, com o que ficou sem força para os apertar, e que os largara; e que acabando de matar esta cobra, lhe achara dentro quatro porcos, a qual tinha mais de sessenta palmos de comprido; E junto do curral de Garcia de Avila, na Bahia, andavam duas cobras que lhe matavam e comiam as vaccas, o qual affirmou que adiante delle lhe sahira um dia uma, que remetteu a um touro, e que lhe levou para dentro de uma lagoa; a que acudiu um grande libreo ao qual a cobra arremetteu e engoliu logo; e não pôde levar o touro para baixo pelo impedimento que lhe tinha feito o libreo; o qual touro sahiu acima da agua depois de afogado; e affirmou que neste mesmo logar mataram seus vaqueiros outra cobra que tinha noventa e tres palmos e pesava mais de oito arrobas; e eu vi uma pelle de uma cobra destas que tinha quatro palmos de largo. Estas cobras têm as pelles cheias de escamas verdes, amarelas e azues, das quaes tiram logo uma arroba de banha de barriga, cuja carne os indios tem em muita estima, e os mamelucos, pela acharem muito saborosa.»

Sessenta palmos é bom notal-o são quasi treze metros; noventa e tres palmos exactamente vinte

metros e quarenta e seis centimetros. Terrivel era a cobra aquatica boiuna cujas fauces tal elasticidade tinham que um homem, adulto, por ellas passava sem soffrer constricção alguma! E depois de engolidas a matavam estas victimas deglutidas.

«*Boiuna*, affirma, é outra casta de cobras, que se criam na agua, nos rios do sertão, as quaes são descompassadas de grandes e grossas, cheias de escamas pretas, e têm tamanha garganta que engolem um negro em o tomarem, em tanto que quando o engolem ou alguma alimaria, se mettem na agua para o afogarem dentro, e não sahem da agua senão para remetterem a uma pessoa ou caça, que anda junto ao rio; e se com a pressa com que engolem a presa se embaraça, com o que não pode tornar para a agua donde sahiu, morre em terra, e sahe-se a pessoa ou alimaria de dentro viva; e affirmam os linguas, que houve indios, que estas cobras enguliram que estando dentro da sua barriga tiveram accordo de as matar com a faca que levavam dependurada ao pescoço, como costumam!»

Ainda a tratar dos nossos ophidios relata Gabriel Soares que os cascaveis, segundo affirmavam os indios, não mordiam com a boca e sim com «aquelle agulhão farpado que tinham no chocalho.»

Taes cobras mordiam ou picavam, «a saltar, com esta ponta do seu cascavel». As immensas *boitiapoias* que chegavam a sessenta palmos (13m,20) de comprido, muito delgadas e incapazes de morder porque tinham o focinho muito comprido e o queixo de baixo muito curto, onde se achava a boca, estas cobras victimavam as presas de modo muito interessante.

«Para matarem uma pessoa ou alimaria enroscam-se com ella, apertam-na rijamente e buscam-lhe com a ponta do rabo os ouvidos, pelos quaes lhe mettem com muita presteza, porque os tem muito dura e

aguda. E por este logar matam a presa em que depois se desenfadam á vontade.»

No capitulo que trata dos lagartos e dos cameleões o nosso senhor de engenho bahiano conta-nos um processo curioso e sobretudo verosimil pelo qual os indios caçavam os maiores jacarés. «Alguns negros ha que lhes tem perdido o susto e vão a elles chamando-os pelo seu nome e vão se chegando a elles até que os tomam ás mãos e os matam para os comerem.»

Referindo-se aos nossos lagartos *anijuacangas*, cameleões maiores do que os da Africa, conta-nos que passavam um mez e mais sem comer nem beber contanto que ficassem presos em alguma janela porque então viravam o rosto para o vento de que se mantinham (1).

---

(1) Em nova serie de capitulos subordinada ao titulo: ***Zoologia imaginosa do Brasil*** teremos o ensejo de expor a prosecução destes estudos analysando a bibliographia brasileira dos seculos XVII e XVIII.

INDICE

Prefacio 5

I — As abusões zoologicas millenarias. Os patriarchas da zoologia. Aristoteles e Plinio. Elliano e Cosmas Santo Izidoro de Sevilha. A Escola Palatina. O anno mil. Abusões sobre abusões. Os Bestiarios medievaes. Alberto Magno. Brunetto Latini e o seu tratado 7

II — Uma obra de Langlois. Analyse de bestiarios e encyclopedias medievaes. A Imago Mundi e suas maravilhas. Li livres dou Trésor 23

III — Mythos zoologicos dos conquistadores da America. O relato de Pigafetta. Autores de varias nacionalidades. Os primeiros depoimentos sobre a fauna americana 40

IV — As lendas eldoradianas. Fabulas geographicas 59

V — Os primeiros relatos extensos sobre a fauna do Brasil. Palavras de Rodolpho Garcia. A carta de Pero Vaz de Caminha. Mestre João e sua carta. Palavras de Vespucio. A Gazeta do Brasil. Pigafetta. Cabeza de Vaca. Ulrico Schmidel e a sua Schueeya-tuescha. Hans Staden 68

VI — Um estudo do Dr. Annibal Cardoso. A epistola de Anchieta sobre os Reinos da Natureza em S. Vicente. Informes de Gandavo e de Thevet 79

VII — A cartographia quinhentista e as abusões zoologicas. Os chronistas hespanhoes e a avifauna sulamericana. Informes de João de Lery 94

VIII — Fernão Cardim e Gabriel Soares de Souza. Os Tratados da Terra e Gente do Brasil e o Roteiro do Brasil 112